



GABINETE CONJUNTO DE CRISE





**IV MODELO POTIGUAR DAS NAÇÕES
UNIDAS
GCC – GABINETE CONJUNTO DE CRISE
FRONT NORTE**

GUIA DE ESTUDOS

DIRETORIA DO GCC

Guilherme de Lima Souza
Joan Rocha Silva Nunes
João Gabriel Soares dos Santos Oliveira
Leonardo Sarmiento Teixeira
Lorena Soares Cavalcante de Miranda
Thaís Rodrigues Lira
Victor da Silva Morais

SECRETARIADO

Gabriela Severiano da Costa
Sara Amonay Chagas dos Santos
Ana Clara Silva e Silva
Marcia Souza Mendonça
Giovanna Rodrigues Moura
Maria Eduarda Rodrigues
Isadora Meira Lima Gonçalves de
Medeiros

ARTE DA CAPA

Maria Eduarda Rodrigues

MODELO POTIGUAR DAS NAÇÕES UNIDAS

GABINETE CONJUNTO DE CRISE

FRONT NORTE

GUIA DE ESTUDOS

DIRETORIA DO GCC

Guilherme de Lima Souza

Joan Rocha Silva Nunes

João Gabriel Soares dos Santos Oliveira

Leonardo Sarmiento Teixeira

Lorena Soares Cavalcante de Miranda

Thaís Rodrigues Lira

Victor da Silva Morais

CARTA DO SECRETARIADO

É com enorme alegria que o secretariado da IV Potimun deseja as boas-vindas a nossos delegados e delegadas! Aqui você começará a conhecer seu comitê de escolha, o qual foi preparado com muito carinho, esforço e dedicação, assim como esse guia de estudos que você está prestes a ler.

Os modelos das Nações Unidas de todo o país sofreram um duro golpe durante a pandemia, infelizmente a Potimun não foi exceção. Três anos após a última realização do nosso projeto de forma presencial, muitas dúvidas cercavam a IV edição da Potimun, mas o desejo de não deixá-lo minguar foi a força propulsora para superar as dificuldades que surgiram no caminho.

Dessa forma, temos que reconhecer e parabenizar o trabalho de todo o staff, pela produção acadêmica de qualidade, além do apoio da Universidade Potiguar. Apesar de ser o projeto de modelo da ONU mais jovem no Rio Grande do Norte, a Potimun tem um grande significado, pela sua criação – tendo sido o primeiro criado por estudantes de Relações Internacionais do estado – e pela qualidade das últimas edições, que cativou a comunidade acadêmica e nos deu a responsabilidade de manter o nível.

Por fim, agradecemos a participação de você, delegado, sem o qual todo o nosso trabalho seria em vão, pois tudo que fazemos tem o fim de proporcionar uma experiência inesquecível a todos os que passam pela Potimun. Então te pedimos apenas que aproveite ao máximo essa experiência.

Carinhosamente,
Secretariado da IV Potimun

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CICV	Comitê Internacional da Cruz Vermelha
DIDH	Direito Internacional dos Direitos Humanos
DIH	Direito Internacional Humanitário
EPV	Exército do Povo do Vietnam
ERV	Exército da República do Vietnam
EUA	Estados Unidos da América
EVN	Exército do Vietnam do Norte
EVS	Exército do Vietnam do Sul
FCLN	Frente Comunista de Libertação Nacional
GCC	Gabinete Conjunto de Crise
GLN	Guerras de Libertação Nacional
ONU	Organização das Nações Unidas
TPI	Tribunal Penal Internacional
TPII	Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia
TPIR	Tribunal Penal Internacional para Ruanda
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USS	<i>United States Ship</i>
VC	Viet Cong

LISTA DE FIGURAS

- | | | |
|----------|---|---------|
| Figura 1 | Imagem de Camp Holloway em janeiro de 1965, antes do ataque do Vietnam do Norte | Pág. 27 |
| Figura 2 | Soldados norte-vietnamitas na Batalha de Ia Drang em 1968 | Pág. 30 |
| Figura 3 | Chamas das bombas incendiárias iluminam os mortos e feridos norte-americanos no ataque da Zona de Pouso | Pág. 33 |
| Figura 4 | Mapa da área do Vietnam e da antiga Indochina entre os anos de 1965 a 1970, com destaque a Rota Ho Chi Minh | Pág. 40 |

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 GABINETE CONJUNTO DE CRISE	10
2.1 Da Origem	10
2.2 Das Competências	10
3 DIREITO HUMANITÁRIO	12
3.1 Definição	12
3.2 Fonte e aplicação	13
3.3 Do Direito à Guerra	15
3.3.1 Conflito opondo diretamente dois ou mais estados	15
3.4 Dos Combatentes	16
3.4.1 Definição dos combatentes	16
3.5 Extensões	17
3.5.1 Guerrilheiros	17
3.5.2 Crianças	17
3.6 Exclusões	17
3.6.1 Espiões	18
3.6.2 Mercenários	18
3.7 Proibições	18
3.7.1 Proibição de atacar pessoas que não combatem	18
3.7.2 Proibição de atacar as pessoas que já não combatem	18
3.7.3 Proibição de atacar bens de caráter civil	18
3.7.4 Proibição de atacar bens culturais e locais de culto	19
3.7.5 Proibição de atacar bens indispensáveis à sobrevivência da população	19
3.7.6 Proibição de atacar o meio ambiente natural	19
3.7.7 Proibição de atacar localidades não defendidas	19
3.7.8 Proibição de atacar zonas e localidades sanitárias e de segurança, zonas neutralizadas e zonas desmilitarizadas	19
3.7.9 Proibição de atacar estabelecimentos ou unidades sanitárias fixas ou móveis	19
3.8 Das restrições gerais do armamento	20
3.9 Restrições previstas pelo Direito da Guerra clássico	20
4 ANÁLISE POLÍTICA	21
4.1 A Descolonização e o Exército do Povo do Vietnam	21

4.2 A política vietnamita situada no EPV	22
4.3 O contexto geopolítico	23
4.4 A Teoria do Dominó	23
4.5 A fragmentação política do Sul	24
5 HISTÓRICO	26
5.1 A entrada dos Estados Unidos na Guerra (5 de agosto de 1964)	26
5.2 A primeira beligerância entre Estados Unidos e tropas do Vietnam do Norte: Ataque de Pleiku (7 de fevereiro de 1965)	27
5.3 A Batalha do Vale de Ia Drang: Primeira grande batalha entre Vietnam do Norte e Estados Unidos (14 a 18 de novembro de 1965)	29
5.4 A tentativa ousada do Vietnam do Norte: Ofensiva do Tet (30 de janeiro de 1968)	34
5.5 Os principais conflitos da Ofensiva do Tet: Hue, KheSanh e Saigon	38
5.6 A entrada de Nixon e o fim da guerra	46
6 CONCLUSÕES	49
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O movimento imperialista ocidental, por mais que tentasse manter uma aparência pouco intervencionista após a Segunda Guerra, nunca perdeu verdadeiramente suas forças. Até os dias hodiernos, suas influências inoculadas em culturas consideradas de menor legitimidade causam crises identitárias severas. Sob a premissa de intervir levando o progresso e liberdade a povos “inferiores”, países colonialistas outorgam seus interesses tanto políticos quanto econômicos deixando, na maioria das vezes, apenas caos social e índices decadentes aos países colonizados.

À luz do contexto acima citado, o panorama do Vietnam se encontra em alto relevo quando comparado a outros, tanto por sua duração de conflito, quanto por números de vítimas: mais de 58 mil soldados americanos acabaram mortos na guerra, seja em território do Vietnam, no Laos ou em Camboja. Por sua vez, três milhões de soldados e civis vietnamitas perderam as vidas. As forças do Sul do Vietnam, aliadas dos americanos, têm uma perda de vidas estimada em 250 mil. Estas perdas foram sofridas primordialmente no período da guerra propriamente dita, entre 1955 e 1975.

Além de se surpreender com números e entender o caráter dos países invasores, é de vital importância compreender o contexto político no qual o conflito se situou. O mundo bipolarizado, onde os Estados Unidos da América (EUA) e a União Soviética (URSS) eram os pontos focais de dois sistemas políticos diferentes criaram dissidências e posicionamentos que dividiram países e seus interesses. Após a dominação francesa e japonesa, quando enfim os vietnamitas deveriam ser reconhecidos em sua independência, os Estados Unidos mostram sua influência durante a própria Convenção de Genebra¹ incentivando a divisão do Vietnam em duas partes: uma parcela comunista ao norte liderada por HoChi Mihn, líder revolucionário da Liga pela Independência do Vietnam (VietMihn) sob os auspícios da URSS; e a parcela ao sul encabeçada por vietnamitas sob a supervisão americana.

Esta divisão foi essencial para o estabelecimento de uma política capitalista indo de encontro a intenção comunista que fervilhava no oriente na época, e feria diretamente as intenções estadunidense quanto ao mundo. A instabilidade ideológica somada ao grande

¹ Convenção de Genebra é o nome que se dá a vários tratados internacionais assinados entre 1864 e 1949 para reduzir os efeitos das guerras sobre a população civil, além de oferecer uma proteção para militares capturados ou feridos (SUPERINTERESSANTE, 2017).

espírito nacionalista que ainda se mantinha em ascensão após a saída francesa e japonesa da Indochina deixava explícita a premissa de um conflito.

No ano de 1959, os guerrilheiros comunistas chamados de vietcongues, atacaram uma base norte-americana que existia no Vietnã do Sul, sob o apoio de Ho Chi Minh e dos soviéticos – por mais que indiretamente. A partir deste momento, estava dado o início da propriamente dita Guerra do Vietnã.

Após uma longa resistência dos vietnamitas, o governo norte-americano cedeu a pressões políticas e populares e se retirou do conflito. Essa medida permitiu que o Vietnã do Norte invadisse e conquistasse o Vietnã do Sul, em uma ação de unificação que perdura até os dias de hoje. Com um exército menor e mal equipado, os vietnamitas evitavam grandes confrontos fazendo escapadas estratégicas. Além disso, estimulavam a moral de seus soldados com as mortes constantes de soldados norte-americanos, principalmente por meio de armadilhas na selva.

Contudo, deve ficar claro que o que ocorreu foi uma retirada estratégica devido, principalmente, à situação política dos Estados Unidos. Uma vitória direta por parte dos vietcongues por meio de belicismo oriental e contendas frontais deveria ser, ainda com a interferência soviética em determinado momento, impossível. É essencial, para uma simulação verossímil e impactante na formação dos seus integrantes a noção de inferioridade bélica do norte em relação ao sul. Além disso, é de vital importância a valorização das peculiares táticas de guerrilha e, principalmente, o nacionalismo que serviu de combustível para as forças do Vietnã do Norte.

2 GABINETE CONJUNTO DE CRISE

O Gabinete de Guerra vem a ser uma comissão que reúne determinados membros dos governos e das forças armadas, com o objetivo de delinear certas estratégias e, conseqüentemente, de tomar decisões que busquem redirecionar o conflito. Assim, o presente Gabinete Conjunto de Crise corresponde a uma representação de um Gabinete de Guerra, abrangendo, no entanto, dois *fronts* opostos para serem simulados pelos delegados.

2.1 Da Origem

Este Gabinete Conjunto de Crise tem como temática a Guerra do Vietnam e funcionará através da organização de duas Salas do Gabinete²: de um lado, serão apresentadas forças *vietcongs*³ e forças militares do Vietnam do Norte, e, do outro, forças militares do Vietnam do Sul e dos Estados Unidos da América. Por isso, o início da simulação ocorrerá a partir da data de 05 agosto de 1964, visto que esta é considerada o marco temporal da participação ativa dos EUA no conflito.

O Gabinete de Guerra do Vietnam foi originado através de confrontos existentes no território vietnamita, em meados do século XX, ocorrendo o agravamento dessas tensões com a bipolarização mundial advinda dos conflitos entre os Estados Unidos e a União Soviética. Assim, dada a nítida oposição ideológica entre os governos do Vietnam do Sul e do Vietnam do Norte, sendo aquele um aliado do governo americano e esse um aliado do governo comunista, ocorreu o apoio e financiamento dos EUA e da URSS nos confrontos que envolviam estes dois lados vietnamitas.

Sucedeu-se, portanto, a instituição de um Gabinete de Guerra em ambos os territórios do Vietnam, com o intuito de que ocorresse a elaboração de estratégias e táticas militares que beneficiassem o interesse de seu respectivo *front*.

2.2 Das Competências

Através de um debate informal ininterrupto, o presente Gabinete e, conseqüentemente, as delegações envolvidas nesta simulação, terão como função a elaboração de táticas e de estratégias, por meio das diretivas, que venham a impulsionar o

2 Em relação às Salas do Gabinete e do Controle, haverá um guia procedimental pormenorizando suas funções. 3O termo *vietcong* foi muito utilizado pelos norte-americanos como forma de se referirem aos soldados vietnamitas comunistas (PEDROSO, 2012).

andamento da guerra, além de promover soluções humanitárias para as problemáticas decorrentes do conflito.

Consequentemente tem-se como objetivo deste comitê proporcionar, assertivamente, uma experiência sensorial aos delegados de um factual gabinete de guerra. Para isso, cada delegado ocupará um determinado cargo, que possuirá extrema relevância para o bom desempenho das operações civis, políticas e militares no Gabinete. As táticas, portanto, deverão ser elaboradas de modo condizente com a atribuição de cada cargo dos membros do gabinete.

Ressalta-se, por fim, que durante o desdobramento da simulação, apesar desse compromisso em retratar de modo verossímil um Gabinete Conjunto de Crise do Vietnam, haverá a possibilidade de ocorrer modificações na história da Guerra, uma vez que este comitê tem caráter dinâmico.

3 DIREITO HUMANITÁRIO

O Direito Internacional Humanitário (DIH) é um campo do Direito Internacional Público voltado para a proteção das pessoas em situações de conflitos armados (COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 1998). Diante disso, faz-se necessário contextualizar e explicar do que se trata o DIH no âmbito internacional antes de adentrarmos no conteúdo da Guerra do Vietnam.

3.1 Definição

O Direito Internacional Humanitário tem indícios desde o período da Grécia Antiga, no entanto, seu surgimento se dá em meados do século XIX por Henry Dunant, o seu criador. Dunant, empresário que sofria problemas com investimentos realizados na Argélia, se dirige a Solferino, na Itália, onde presenciou o combate da Batalha de Solferino, em 1859, que resultou com a morte de 40.000 pessoas (BORGES, 2006).

Após presenciar o conflito, Dunant publicou o livro, intitulado “Um souvenir de Solférino”, em 1862, no qual descreveu tudo o que testemunhou, além de, destacar duas ações que deveriam ter sido utilizadas para evitar conflitos, sendo elas a criação de uma sociedade de socorro privada e a aprovação de um tratado internacional, que facilitasse a sua legítima aprovação (BORGES, 2006).

No ano seguinte à publicação do livro, Henry Dunant e mais quatro pessoas formaram um comitê que de início foi chamado de “Comitê Internacional para Ajuda de Feridos”, o qual, posteriormente, foi transformado no atual Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV). E foi por tal atitude que foi estabelecida a base do DIH (PIÑEIRO, 2016).

O Direito Internacional Humanitário (DIH) trata-se do conjunto de princípios e regras aplicáveis a situações de conflito e ocupação armada com fim de limitar os seus efeitos. No passado, havia a divisão entre o Direito da Paz e o Direito da Guerra, sendo o segundo dividido em *jus ad bellum*, o direito de fazer a guerra, e em *jus in bello*, o direito humanitário. É do *jus in bello* que surgiu o DIH, o qual buscava amenizar o sofrimento causado pelas guerras (COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 1998).

O DIH regula a atividade durante conflitos armados e situações de ocupação, portanto, tem como escopo proteger e assistir as vítimas da guerra, almejando reduzir o sofrimento produzido. Por conseguinte, este ramo do direito regula somente os aspectos dos conflitos que são de preocupação humanitária, e é justamente por esse caráter altruísta

que as suas disposições se aplicam às partes conflitantes independentemente dos motivos ou causas defendidas no conflito (COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 1998).

Na fundação das Nações Unidas em 1945, após duas Guerras Mundiais e sucedendo a Liga das Nações, os Estados presentes na Conferência de São Francisco consolidaram alguns princípios do Direito Internacional Humanitário no documento que consolidou a Organização (NAÇÕES UNIDAS, 1945). Desta feita, o art. 2º, parágrafo 4º da Carta das Nações Unidas (1945) dispõe o seguinte:

4. Todos os Membros devem abster-se, em suas relações internacionais, da ameaça ou uso da força contra a integridade territorial ou a independência política de qualquer Estado, ou de qualquer outra maneira inconsistente com os Objetivos das Nações Unidas (NAÇÕES UNIDAS, 1945).

Apesar dessa vedação de ameaças e uso de força, é preciso destacar que há exceções trazidas no capítulo VII do mesmo documento, o qual regula as condições sob as quais a força pode ser utilizada. É possível compreender que o DIH representa o equilíbrio entre a necessidade militar e a necessidade humanitária no contexto da guerra, isto é, as partes em um conflito armado devem distinguir civis e combatentes, bem como os objetos civis dos militares.

3.2 Fonte e aplicação

Uma das principais fontes do Direito Internacional Humanitário são as quatro Convenções de Genebra de 1949⁴, as quais foram completadas por mais dois acordos, os Protocolos Adicionais de 1977. Existem outros acordos que também compõem o DIH, como as Convenções de Haia de 1907, a Convenção das Armas Bacteriológicas de 1972, a Convenção das Armas Convencionais de 1980 e a Convenção das Armas Químicas de 1993. Atualmente, a maioria das normas do DIH são aceitas como Direito Consuetudinário, isto é, são normas providas de um costume social (COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 1998).

4 As quatro Convenções de Genebra de 12 de agosto de 1949 são tratados internacionais que foram ratificados ou aderidos por praticamente todos os Estados. Protegem doentes e feridos das forças armadas em campanha; doentes, feridos e náufragos das forças armadas no mar; prisioneiros de guerra; e civis que se encontrem em poder de uma potência estrangeira no caso de um conflito internacional (COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 1995).

Quanto a sua aplicação, o Direito Internacional Humanitário só se aplica a conflitos armados, e de forma uniforme a todas as partes, independente de quem começou as hostilidades em acordo com o já exposto. Ademais, é importante destacar que, apesar de haver muitas normas semelhantes entre o DIH e o Direito Internacional dos Direitos Humanos (DIDH), o segundo se aplica em tempo de paz e durante a guerra algumas de suas disposições podem vir a ser suspensas. E, ainda, tais áreas do direito se desenvolveram separadamente, além de constarem em diferentes tratados, portanto, o DIH e o DIDH são áreas distintas, não devendo serem confundidas (COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA, 1998).

O DIH restringe os meios e os métodos de guerra, sendo proibidos todos os meios e métodos que deixem de discriminar os civis dos combatentes, que causem ferimentos supérfluos de sofrimento desnecessário, e que causem danos graves ou prolongados ao meio ambiente. Em consonância, muitos armamentos foram proibidos pela lei humanitária, como as *cluster weapons*⁵, as armas químicas, nucleares e biológicas, dentre outras (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS, 2004).

Cabe também ao Direito Internacional Humanitário proteger aqueles que não participam do combate, tanto quanto aqueles que deixaram de participar, como feridos, doentes e prisioneiros de guerra. Essas pessoas protegidas gozam de garantias legais, devendo serem protegidas e tratadas humanamente em todas as circunstâncias, sem distinção. Portanto, é proibido matar ou ferir um inimigo que se rende ou é incapaz de lutar. O DIH também dispõe de regras a respeito das condições de detenção de prisioneiros de guerra e forma como os civis devem ser tratados sob autoridade de um poder inimigo, incluindo o fornecimento de comida, abrigo, comunicação com a família e assistência médica. A lei humanitária tem uma série de símbolos reconhecíveis utilizados para identificação e proteção das pessoas, sendo a Cruz Vermelha e a Crescente Vermelha os principais emblemas (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS, 2004).

Os Estados têm obrigação de passar as regras do direito humanitário às suas forças armadas e ao público em geral, para que sejam evitadas violações dessas normas. As violações mais graves são consideradas crimes de guerra e devem ser punidas, podendo essas

5 São armas explosivas que quando acionadas, liberam certa quantidade de projéteis ou fragmentos menores explosivos com finalidade atingir uma grande área, e, portanto, um grande número de vítimas (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS, 2010).

transgressões vir a serem julgadas diante do Tribunal Penal Internacional (TPI)⁶, sendo sua jurisdição restrita aos signatários do Estatuto de Roma. Além dele foram criados outros tribunais internacionais específicos, caso do Tribunal Penal Internacional para antiga Iugoslávia (TPII)⁷ e do Tribunal Penal Internacional para Ruanda (TPIR)⁸ (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS, 2004).

Diante da contextualização a respeito do Direito Humanitário Internacional de forma generalizada, seguiremos com uma exposição mais detalhada das subdivisões das normas humanitárias, a fim de facilitar a compreensão e aplicação delas na prática.

3.3 Do Direito à Guerra

No cerne dos conflitos internacionais, estes se subdividem em algumas categorias, das quais nos interessam:

3.3.1 Conflito opondo diretamente dois ou mais estados

Conflito armado na sua forma mais conhecida, envolvendo dois Estados ou mais, onde se aplicam com clareza todas as regras aqui elencadas. Pode-se pensar em diversos exemplos como a própria Guerra do Vietnã e demais conflitos armados que não escalaram a uma escala global como veremos mais à frente.

3.3.1.1 Conflito Armado Internacional

Michael Deyra (2001), define o Conflito Armado Internacional como sendo um conflito que progride sequencialmente de intervenções estrangeiras (Apoio financeiro, logístico e a intervenção militar propriamente dita). Ainda debruça-se sobre as guerras de procuração, quando os lados beligerantes utilizam de terceiros, mas não engajam diretamente no conflito armado. Por exemplo, a maioria dos conflitos durante o período da Guerra Fria, como no caso do Vietnam, permanecem ignorados pelo Direito Humanitário convencional. O autor ainda propõe considerar duas questões: “saber em que casos estamos perante um conflito interno internacionalizado e a de determinar quais as regras aplicáveis”

6 O Tribunal Penal Internacional (TPI) investiga e, quando justificado, julga indivíduos acusados dos mais graves crimes de interesse da comunidade internacional: genocídio, crimes de guerra, crimes contra a humanidade e crimes de agressão (INTERNATIONAL CRIMINAL COURT, 1998).

7 O Tribunal Penal Internacional para a ex-Iugoslávia (TPII) é um tribunal das Nações Unidas que lida com crimes de guerra que ocorreram durante os conflitos nos Balcãs nos anos 90 (INTERNATIONAL CRIMINAL TRIBUNAL FOR THE FORMER YUGOSLAVIA, 1993).

8 O Conselho de Segurança das Nações Unidas estabeleceu o Tribunal Penal Internacional para Ruanda para "processar pessoas responsáveis por genocídio e outras violações graves do direito humanitário internacional cometidas no território de Ruanda e Estados vizinhos, entre 1 de janeiro de 1994 e 31 de dezembro de 1994" (INTERNATIONAL CRIMINAL TRIBUNAL FOR RWANDA, 1994).

(DEYRA, 2001). Um conflito interno torna-se internacional a partir do momento em que um Estado terceiro intervém, permitindo que os seus agentes participem nas hostilidades.

3.3.1.2 Guerra de Libertação Nacional

As guerras de libertação nacional (GLN) são conflitos armados internacionais. Somente certos conflitos obedecem à qualificação de GLN, já que estas consistem em lutas armadas contra o domínio colonial, a ocupação estrangeira ou os regimes racistas (BOCKZEK, 2005). Ainda segundo Deyra (2001), não há um pré-requisito de intensidade da luta de libertação como condição para aplicação das normas. Segundo o autor, deve existir “ao menos um movimento de libertação nacional, suficientemente organizado, estruturado e representativo do povo em nome do qual está a ser conduzida a guerra”. Já fora fortemente debatido acerca da assimilação das GLN aos conflitos internacionais, como um expoente do direito à autodeterminação dos povos ou do ressurgimento do conceito de guerra justa. No entanto, a atual conjuntura é da busca por uma aplicação mais estrita do conceito.

3.4 Dos Combatentes

Certas pessoas não podem ser incluídas no percurso da duração das hostilidades, da mesma forma que não são capazes de participar nelas (DEYRA, 2001). As limitações explicam-se pelo fato de serem os Estados que fazem a guerra em função das suas necessidades. Logo, civis estão excluídos do conflito. Sendo assim, apenas combatentes, por definição, tem o direito de atacar ou resistir, além de serem submetidos a restrições.

3.4.1 Definição dos combatentes

A definição de combatentes é relativamente recente, no entanto, para melhor andamento do comitê, adotaremos a definição de Deyra (2001):

- I. Os membros das forças armadas de uma parte no conflito, incluindo as milícias e os corpos de voluntários;
- II. Os membros dos movimentos de resistência que respeitam certas condições (ter no seu comando uma pessoa responsável, usar abertamente as armas, usar um sinal distintivo fixo e identificável à distância, respeitar as leis e costumes da guerra nas suas operações);
- III. Os membros de uma força regular que reclamam uma autoridade não reconhecida pela Potência detentora;

- IV. As pessoas que seguem as forças armadas sem delas fazerem diretamente parte (correspondentes de guerra, membros civis da tripulação de aviões militares, entre outros);
- V. Os membros das tripulações da marinha mercante e da aviação civil das partes no conflito;
- VI. Os indivíduos da população de um território não ocupado que se levantam em massa para evitar o avanço do inimigo e sob condição de usarem abertamente as armas e respeitarem as leis e costumes da guerra.

3.5 Extensões

O Primeiro Protocolo das convenções de Genebra estendeu o estatuto do prisioneiro para os principais combatentes do século XX: O guerrilheiro e a criança (DEYRA, 2001).

3.5.1 Guerrilheiros

Após a pressão dos Estados socialistas e do terceiro mundo, que reclamavam o direito ao estatuto de prisioneiro de guerra, o qual discorre sobre os direitos de um prisioneiro de guerra, trazendo assim a salvaguarda daqueles que se encontravam nesta posição. O guerrilheiro consiste num combatente regular quando participa num conflito armado internacional. Apesar de não se distinguir da população civil, faz uso do seu estatuto de combatente se usar abertamente as armas durante cada ofensiva militar e durante o tempo em que está exposto à vista do inimigo, enquanto participar numa ação militar. Os guerrilheiros que podem integrar as forças armadas desses movimentos de libertação nacional, para o desenvolvimento de sua tática de guerra, não usam sinais distintivos, mas recebem a proteção das convenções internacionais como prisioneiro de guerra, possuindo legitimidade para tal (CALAZANS, 2007).

3.5.2 Crianças

Entende-se por criança o indivíduo menor de 15 anos, aqueles com idades entre 15 e 18 anos compreendem combatentes segundo o 43º do Primeiro Protocolo (DEYRA, 2001). O cerne do problema encontra-se na falta de escolha destas crianças que, por vezes, veem nas forças combatentes um meio de prover o seu lar e de encontrar um sentido de vida.

3.6 Exclusões

Existem duas categorias de pessoas que podem não ser consideradas como combatentes legítimos: o espião e o mercenário (DEYRA, 2001).

3.6.1 Espiões

Deyra (2001) discorre ainda acerca dos espiões e seus direitos na guerra: “A procura de informações sobre o inimigo não é proibida pelo DIH, no entanto os Estados têm a possibilidade de reprimir a espionagem em função da qualidade de espião”. No entanto, é válido salientar que, na hipótese de os espiões serem civis, em caso de captura, não lhes será reconhecido o estatuto de prisioneiro de guerra, cabendo ao Estado que o capturou tomar as providências que julgar cabíveis, respeitando os limiares do Direito Humanitário Internacional bem como nos casos da quarta Convenção (1949). No entanto, tratando-se de um espião ser combatente, agindo de uniforme ou com um uniforme que o distinga dos não combatentes, este beneficia-se do estatuto de prisioneiro de guerra.

3.6.2 Mercenários

Mercenários são indivíduos que aceitam beligerar em favor de Estados nacionais cuja não são de sua nacionalidade em troca de uma certa quantia monetária (DEYRA, 2001). Apesar do caso atípico, tendo em vista que a maioria dos Estados nacionais possuem Forças Armadas, estes indivíduos não são abrangidos pelos direitos salvaguardados no estatuto do prisioneiro, não podendo assim ser evocado por estes.

3.7 Proibições

Estas proibições podem ser compreendidas em oito vertentes, as quais serão analisadas segundo a contribuição de Michael Deyra (2001):

3.7.1 Proibição de atacar pessoas que não combatem

A guerra por si só já oferece risco às populações que se encontram no meio do conflito, visto isso, seria injusto e desumano a possibilidade de ataque ao não combatentes.

3.7.2 Proibição de atacar as pessoas que já não combatem

As três primeiras Convenções de Genebra discorrem sobre este tema, afirmando que os indivíduos, sejam eles feridos, doentes, náufragos e prisioneiros de guerra não podem ser objeto de ataque, tendo assim seus direitos protegidos, bem como garantida sua salvaguarda. Uma vez que o combatente se rende, não pode mais ser considerado combatente, pois este passa a ser vítima.

3.7.3 Proibição de atacar bens de caráter civil

São considerados bens de caráter civil todos aqueles que não constituam objetivos militares. Estes objetivos conjugam-se em duas condições: a sua natureza, localização, utilização ou o seu destino devem vir a ter uma contribuição efetiva à ação militar; por outro

lado a sua destruição, total ou parcial, a sua captura ou a sua neutralização devem oferecer uma vantagem militar clara. Em outras palavras, o caráter civil ou militar de um bem depende dos termos estratégicos das missões militares.

3.7.4 Proibição de atacar bens culturais e locais de culto

Estes bens tratam se edifícios ou construções voltados à ciência, monumentos históricos, obras de artes ou locais de culto que apresentam um interesse artístico, histórico ou arqueológico, ou que constituem o patrimônio cultural e espiritual dos povos, não dependendo independentemente da sua origem, proprietário ou de serem bens móveis ou imóveis.

3.7.5 Proibição de atacar bens indispensáveis à sobrevivência da população

Submeter de civis à fome não é um método de guerra, sendo assim, proibido atacar ou destruir, atingir de qualquer meio danoso, ou que torne inutilizável os bens indispensáveis a sobrevivência da população. Além do exemplo claro de fontes alimentícias, entende-se por bens indispensáveis instalações e reservas de água potável, instalações de irrigação, abrigos ou vestuário.

3.7.6 Proibição de atacar o meio ambiente natural

O meio ambiente natural é um dos, senão o maior bem comum da humanidade, sendo assim, protegido contra os danos extensos, duráveis e graves que lhe possam ser causados, em tempos de guerra e paz. O primeiro Protocolo condena a sujeição à fome e proíbe outro meio de guerra total: os atentados contra o meio ambiente.

3.7.7 Proibição de atacar localidades não defendidas

Há a possibilidade de declarar parte do conflito como localidade não defendida. Existem três condições para isso: executa-se a evacuação de todos os combatentes, bem como do material militar, não poderá ser cometido qualquer hostilidade contra o inimigo e não poderá ser empreendida qualquer atividade de apoio a operações militares.

3.7.8 Proibição de atacar zonas e localidades sanitárias e de segurança, zonas neutralizadas e zonas desmilitarizadas

As zonas e localidades sanitárias e de segurança configuram zonas de refúgio criadas via um acordo entre as partes conflituosas, afastadas ou próximas da frente de combate, acolhem as populações descritas em um acordo entre ambas as partes conflituosas, delimita-se a entrada ou não de demais civis.

3.7.9 Proibição de atacar estabelecimentos ou unidades sanitárias fixas ou móveis

Organizações sanitárias recebem uma proteção abrangente. Sendo o pessoal sanitário especialmente protegido uma vez que, por meio deles são protegidos os feridos e doentes, não podendo ser considerados como combatentes os estabelecimentos além das unidades sanitárias móveis dos serviços de saúde militares e civis.

3.8 Das restrições gerais do armamento

Seguindo o raciocínio de Michael Deyra (2001), armas irremediavelmente letais, aquelas cuja cumprem seu objetivo com tamanha eficácia que deixam praticamente nula a possibilidade de sobrevivência do alvo. Tal é o caso das armas nucleares, das bombas por depressão e dos gases asfixiantes. Armas que produzem efeitos traumáticos excessivos também são proibidas, o objetivo da guerra é de enfraquecer o inimigo, e não de o fazer sofrer para além do que é suficiente para atingir aquele fim. A proibição de armas que causam males supérfluos visa um número muito significativo de armas, entre as quais podemos citar as balas *dumdum*, os venenos, os projéteis de estilhaços não localizáveis a raios X, as baionetas de cruzou dentadas, as lanças com pontas farpadas, as armas de fragmentação, as bombas de esferas, as armas incendiárias e as minas antipessoal.

3.9 Restrições previstas pelo Direito da Guerra clássico

De acordo com (Deyra, 2001) são proibidas as balas explosivas e os projéteis enchidos com vidro, as balas *dumdum* o veneno e as armas envenenadas, da mesma forma que qualquer substância destinada a inflamar o ferimento, as minas automáticas de contato ou, em certas condições, os torpedos submarinos, os lança-chamas, os gases asfixiantes, tóxicos ou similares e os meios bacteriológicos.

4 ANÁLISE POLÍTICA

De início, se faz importante analisar a política do Vietnã antes de adentrar no próprio contexto hist3rico da guerra, tendo em vista que o panorama pol3tico introduzir3 a respeito da situa73o local que levou at3 o conflito armado.

4.1 A Descoloniza73o e o Ex3rcito do Povo do Vietnã

A hist3ria pol3tica do Vietnã 3 precisamente forjada na instabilidade das institui73es pelo hist3rico de guerras constantes – desde os tempos feudais, na luta contra os Yuan Mong3is, at3 as batalhas da descoloniza73o na Indochina Francesa na Primeira Guerra da Indochina (1946-1954), numa insurg3ncia contra as for73as da Fran73a. 3 importante lembrar que os personagens que marcaram seus nomes na Guerra do Vietnã, anos ap3s, estiveram presentes nas lutas pela emancipa73o vietnamita (KUISONG, 2002).

Lembra-se, antes de tudo, do Ex3rcito do Povo do Vietnã (EPV), que surge no auge da instabilidade internacional, durante a segunda guerra mundial. O EPV teve como primeiro prop3sito a expuls3o dos invasores e colonizadores franceses e japoneses, com uma armada de cunho popular liderada por Ho Chi Minh, revolucion3rio do Vietnã⁹. Assim, compreende-se que o ide3rio patri3tico de liberta73o e emancipa73o do povo daquela regi3o deu-se inicialmente pela organiza73o do EPV, que n3o se resumia apenas a um ex3rcito, mas a um movimento pol3tico e de delibera73o e recrutamento civil, como bem aponta Kuisong (2002).

Ap3s a Confedera73o de Genebra de 1954, decidiu-se para um cessar fogo ao longo do paralelo 17°, na inten73o de dividir o Vietnã em dois, os pr3prios Vietnã do Norte e Vietnã do Sul. Al3m do mais, foi proposto uma retirada total de tropas de ambas as partes para al3m do paralelo, no intuito de pacificar a 3rea. Todavia, mesmo com muitas partes presentes, na73es de todo o mundo, como a China, Uni3o Sovi3tica, o Norte e Sul do Vietnã, o Laos e os Estados Unidos da Am3rica, o Vietnã do Sul e os EUA negaram pela assinatura do que ficou designado, e assim seguiram todas as outras na73es, n3o assinando o documento (SPECTOR, 2001).

⁹ Ho Chi Minh foi um poderoso l3der do Vietnã durante um per3odo conturbado da hist3ria desse pa3s. Ele lutou para tornar o Vietnã em um pa3s unido, independente e comunista. Foi o fundador do Partido Comunista da Indochina em 1930, al3m de ter sido presidente de 1945 a 1969 da Rep3blica Democr3tica do Vietnã (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2019).

Dessa maneira, os EUA junto ao sul vietnamita engrenaram-se num propósito antirrevolucionário, e anticomunista, o que posteriormente situar-se-ia na própria guerra. Daí, entende-se hoje a importância fundamental do EPV para se compreender o processo histórico e material do desenvolvimento político no Vietnã, apontada por Spector (2001).

4.2 A política vietnamita situada no EPV

Deve-se analisar o Exército do Povo do Vietnã inicialmente por três figuras centrais que iniciaram seu desenvolvimento histórico: o ex-professor de história e membro do Partido Comunista Indochinês, chamado Vo Nguyen Giap; o ex-jardineiro e revolucionário Ho Chi Minh; e o povo vietnamita. Inicialmente, com poucos correligionários, o EPV desenvolveu uma política de recrutamento e propaganda, inicialmente defensiva, sem postular real ameaça armada, porém mostrando um propósito comum com os aldeões das regiões norte do país (FRASER, 2014).

Como uma ferramenta de comunicação e dissipação da palavra em campo, era utilizado o método de construção de aldeias pequenas, perto uma das outras, para facilitar a comunicação, o trânsito e o intercâmbio. Assim, em pequenos passos construía-se a organização das massas para um fim comum:

A política é mais importante que os assuntos militares. É uma unidade de propaganda. Para operar efetivamente do ponto de vista militar, o princípio primário é a concentração de forças. Como nossa resistência é uma por todas as pessoas, é necessário mobilizar e armar todas as pessoas. Com relação às unidades armadas locais: treine os quadros locais que, por sua vez, podem ir às localidades e transmitir suas experiências, manter comunicações claras e coordenar as operações. No que diz respeito às táticas: use totalmente as táticas de guerrilha de sigilo, velocidade, atividade, mobilidade, furtividade e manobra flexível. A Unidade de Propaganda Armada é uma unidade militar permanente e espera-se que rapidamente haja mais deles. Embora tenham escopo pequeno no começo, eles fizeram um progresso brilhante até agora. Eles são o ponto de partida do Exército de Libertação que viajará do Norte ao Vietnã do Sul e por todo o país. (MINH *apud* KUISONG, 2002).

Dessa forma, perante a supracitada palavra do líder Ho Chi Minh entende-se que a política precede as questões militares, o que é notável se for analisado que todo o processo de recrutamento do povo para a luta pela emancipação, como bem destaca Fraser (2014), deu-se por vias dialógicas, de organização de massas e propaganda.

Sabe-se, logo, que o EPV foi formado pela junção do Viet Minh, movimento revolucionário de autodefesa e as frentes armadas de propaganda do Partido Comunista

Indochinês. Assim, seguiram-se os anos, após a vitória sobre os franceses, expulsos da região da Indochina, e Ho Chi Minh declara independente o Vietnã e funda-se assim, pelo próprio povo do país, a República Democrática do Vietnã, conhecido no Ocidente como Vietnã do Norte (FRASER, 2014).

4.3 O contexto geopolítico

O Vietnã do Norte conduziu sua práxis política numa linha marxista-leninista, logo, revolucionária e nacionalista. Desse modo, possuía no globo o forte apoio da União Soviética e da República Popular da China, governada por Mao Tse Tung de 1949 a 1976. O apoio destes ao Vietnã do Norte era de ordem econômica, que se desenvolvia lentamente e exercia um apoio marítimo a China em suas fronteiras (GAY, 1996).

Já o Vietnã do Sul, uma ditadura de Ngo Dinh Diem marcada na história pelo sequestro, tortura e morte de mais de 100 mil civis, sustentava-se na doutrina anticomunista, fortemente influenciada pelos ideais estadunidenses e, também, apoiava-se financeira e militarmente nos Estados Unidos da América, tal como aborda Kuisong (2002).

Assim, o paralelo 17° fazia além de uma divisão geográfica, uma divisão política de ideologia, comércio e influências. O Sul interessava-se abertamente pela reunificação do país nos moldes anticomunistas, para estabelecer uma zona de interferência importantíssima pela estratégica localização da península indochinesa, a qual possui uma fronteira de 1281 km com a China comunista de Mao Tse Tung, e dispõe de uma ampla e eficaz saída para o Mar do Sul da China (KUISONG, 2002).

4.4 A Teoria do Dominó

Nessa toada, para uma completa influência dos Estados Unidos, dever-se-ia, portanto, ser colocado um fim nas contradições norte-sul do paralelo, favorecendo o sul. Assim, baseados na Teoria do Dominó de Dulles, antes conhecida nos discursos de Truman, o presidente Eisenhower, que governou os EUA de 1953 a 1991, acreditava que o Vietnã do Norte era uma ameaça para os países vizinhos, que seriam tomados pelos comunistas (GLASS, 2017).

A Teoria do Dominó consistia na ideia de que se uma revolução socialista fosse bem-sucedida, superando o capitalismo e aliando sua política e economia a União Soviética, os países vizinhos, num curto espaço de tempo, também seriam dominados por grupos revolucionários. Tratava-se logo de uma perspectiva de influência e território, como num

efeito literalmente dominó, que se concebia como um pressuposto para iniciar uma ofensiva econômica ou militar (BRITANNICA, 2019).

Assim, além do ponto positivo citado acima, de influência estratégica em pontos de comércio, fronteira e trânsito militar, entender-se-ia o ponto negativo como a influência comunista do Exército do Povo do Vietnã nos países de fronteira. De tal modo, como trata Glass (2017), mais uma política da Guerra Fria tomava seu rumo para um conflito que, na visão estadunidense, não permitiria a tomada dos elos frágeis pelos comunistas vietnamitas. A Doutrina Truman, conhecida internacionalmente na prática pelo apoio à Grécia e Turquia durante a expansão da influência soviética para oeste, agora se reconfigurava para uma grande marcha tática para o sudeste asiático (GLASS, 2017).

4.5 A fragmentação política do Sul

Diferente das estratégias adotadas por Minh e Giap, o Sul não se ergueu por meio de políticas de base, organização de massas e mudanças no plano diretor do seu território. A comunicação com a população era ineficaz e os opositores do governante Diem eram mortos e sequestrados (SZCZEPANSKI, 2019). Além disso, o Sul se tornava cada vez mais pobre, com uma população de cerca de quase vinte milhões, e uma política de distribuição de renda inexistente, que evidenciava a contrastante concentração de riquezas para as lideranças ligadas aos EUA, conforme Szczepanski (2019).

Dessa forma, fez-se surgir no Sul um dos maiores levantes armados comunistas da Ásia, a Frente Comunista de Libertação Nacional (FCLN), que se manifestava inicialmente de forma pacífica, na exigência de pão e terra, não sendo jamais atendidos. Esta frente ficou conhecida popularmente como Viet Cong (VC), nome originado da frase “*congsanvietnam*”, que significa “comunista vietnamita”. Dessa forma, os vietcongs faziam o trabalho originalmente feito por Minh e Giap, de recrutamento de massas, conduzindo os civis do Sul para uma rebelião armada aliada ao EPV (SZCZEPANSKI, 2019).

Os vietcongs eram revolucionários, em sua maior parte agricultores, trabalhadores comuns e estudantes, como aponta Giap (2005). Assim, a Frente Comunista de Libertação Nacional postulou uma política antirreforma, avançando silenciosamente perante as fragilidades do governo sulista, o qual exercia uma política que considerava o poder soberano de um país como a capacidade de decidir quem morre, quem se alimenta, quem trabalha e quem deixa morrer (SZCZEPANSKI, 2019).

Assim, o sul era um tipo ideal passivo para o exercer ativo das políticas de base pensadas por Giap e Minh. Dessa forma, a península indochinesa tornou-se uma terra homogênea, propícia para uma estratégia pulsante de desenvolvimento e propagação dos ideais revolucionários comunistas de libertação do povo, presentes no ideário vietnamita desde a declaração de independência, escrita por Minh, junto ao povo revolucionário do Norte, na qual tem o seguinte trecho:

Nosso povo rompeu os grilhões que por quase um século o aprisionou e conquistamos a independência de nossa Terra Mãe. Um povo que se opôs corajosamente contra o domínio francês por mais de oito anos, um povo que lutou lado a lado com os Aliados contra os fascistas durante estes últimos anos, esse povo deve ser livre e independente. Por essas razões, nós, do Governo Provisório da República Democrática do Vietnã, declaramos solenemente ao mundo que o Vietnã tem o direito de ser um país livre e independente e que de fato já o é. Todo o povo vietnamita está determinado a mobilizar toda sua força física e mental, a sacrificar suas vidas e propriedades de forma preservar sua independência e liberdade (MINH apud GIAP, 2005).

5 HISTÓRICO

Para o entendimento profundo da Guerra do Vietnam, destaca-se o papel histórico dos atores envolvidos, tanto do lado dos Estados Unidos da América e do Vietnam do Sul, como do lado do Vietnam do Norte. Desse modo, o referido tópico irá discorrer acerca dos conflitos de maior importância a partir da entrada norte-americana na Guerra. Porém, salienta-se que o embate se iniciou bem antes da chegada efetiva dos Estados Unidos no Vietnam, tendo como marco inicial, como visto no tópico anterior, a Queda de Dien Bien Phu e a Independência da Indochina. Portanto, abordaremos aqui o conflito a partir do ano de 1964, período de maior beligerância entre as partes.

5.1 A entrada dos Estados Unidos na Guerra (5 de agosto de 1964)

O momento na qual há a entrada dos Estados Unidos da América no conflito se deu no final de 1964, a partir da resolução do Golfo de Tonkin, respondendo a um suposto ataque por parte das tropas marítimas norte-vietnamitas aos *destroyers* norte-americanos *USS Maddox* e *USS Turner Joy* no golfo de mesmo nome, conforme apresentado por Spector (2001). Os navios foram enviados para a área como forma de reconhecer o território e interceptar comunicações militares do Vietnam do Norte, apoiando o lado do Vietnam do Sul em um conflito que já se mostrava intenso entre as partes beligerantes. O incidente em si ocorreu no dia 1º de agosto de 1964, quando três barcos de torpedo com bandeira do Vietnam do Norte abriram fogo ao *Maddox*, saindo este sem nenhuma baixa em termos humanos, mas com imenso prejuízo material a ser reparado ao *destroyer* norte-americano (SPECTOR, 2001).

Após esse primeiro incidente, foi enviado o *Turner Joy* para reforçar a guarda realizada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos. No entanto, no dia 4 de agosto, comunicações militares foram interceptadas sobre a organização de ataques aos *destroyers* norte-americanos, bem como de resgate a um dos torpedeiros danificados no ataque anterior. Na mesma noite, os dois navios tomaram o rumo do mar, porém os radares mostraram diversas embarcações vindo de diversas posições, levando os navios norte-americanos a solicitarem reforço aéreo e iniciaram o ataque, sendo infrutífero, haja em vista a movimentação espalhada das embarcações norte-vietnamitas. Tanto o *Maddox* como o *Turner Joy* conseguiram evacuar e acionaram o Departamento de Defesa para solicitar o ataque retaliatório às bases da Marinha norte-vietnamita, necessitando da autorização do

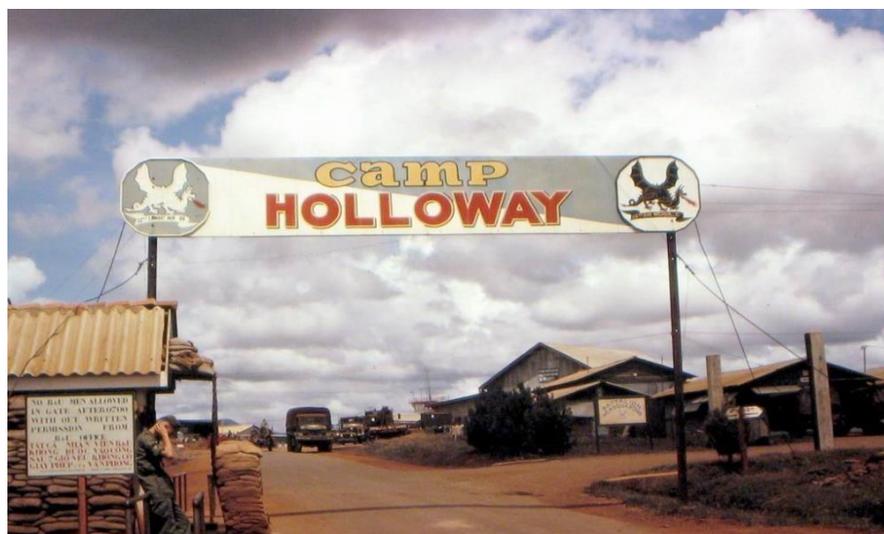
Congresso, haja em vista que isso implicaria numa entrada oficial no conflito, tal como apresenta Spector (2001).

Ainda no 4 de agosto, Robert McNamara, o Secretário de Defesa no momento do incidente, e o próprio presidente Lyndon Johnson¹⁰ autorizaram ataques aéreos às bases norte-vietnamitas e, no dia seguinte, o presidente enviou uma mensagem ao Congresso propondo a autorização da intervenção militar no conflito em curso, pedindo a apresentação de “todas as medidas necessárias”, como relatado por Spector (2001). No dia 7 de agosto, a resolução foi votada e aprovada, com apenas dois votos contrários, sendo o marco para a entrada dos Estados Unidos na Guerra do Vietnam, se consolidando a partir de 1965.

5.2 A primeira beligerância entre Estados Unidos e tropas do Vietnam do Norte: Ataque de Pleiku (7 de fevereiro de 1965)

Após a aprovação da resolução do Golfo de Tonkin, os Estados Unidos enviaram cerca de 23.000 militares para o Vietnam do Sul, juntando-se com as aproximadamente 560 mil forças militares. Os Estados Unidos estabeleceram bases no território sul-vietnamita, com o intuito de se preparar para o embate contra os VC e o Exército do Vietnam do Norte (EVN), ambas as principais forças militares do Vietnam do Norte. Entre as bases utilizadas por tropas dos Estados Unidos, encontrava-se a base de Camp Holloway, localizada na cidade de Pleiku, na parte central da região do Vietnam e próximo da fronteira traçada pelos Acordos de Genebra de 1954, como bem apresentado por Spector (2001).

Figura 1 - Imagem de Camp Holloway em janeiro de 1965, antes do ataque do Vietnam do Norte



¹⁰ Presidente dos Estados Unidos da América entre 1963 a 1969 (SPECTOR, 2001).

Fonte: BROEKER (1965)

Ao mesmo tempo em que os Estados Unidos se organizavam no território de seus aliados, o Vietnã do Norte iniciou sua estratégia de embate contra os norte-americanos, iniciando o reconhecimento do território por parte das selvas e pântanos da região de Pleiku, onde se localizava a base militar norte-americana de Camp Holloway, como indica Nguyen (2001, p. 46). A área militar citada foi criada como base de transportes em 1962 e no final de 1964 foi lotado o 52º Batalhão de Aviação de Combate do Exército dos Estados Unidos, em conjunto às Forças do Vietnã do Sul, localizando-se na base além das forças militares humanas, armamento e maquinário bélico, como aviões de combate e tanques, haja em vista a importância de Pleiku como entreposto para as regiões beligerantes fronteiriças do Vietnã (NGUYEN, 2001, p. 46).

A região de Pleiku “estava sob a égide do 409º Batalhão Viet Cong” (NGUYEN, 2001, p.49), que identificou a base, guardada não só pelas forças americanas que ainda se instalavam, como também por sul-vietnamitas e barreiras físicas que em certos pontos alcançavam os 10m de altura. O batalhão então foi dividido em duas seções, abrangendo toda a parte da base. A primeira ficaria responsável por destruir as aeronaves no campo de pouso e estabelecer a rota de recuo para a fuga do ataque; já a segunda ficaria responsável por atacar as instalações na qual os pilotos e técnicos militares norte-americanos estavam hospedados, bem como atacar os suprimentos locais (NGUYEN, 2001, p. 50).

Por volta das 23h do dia 6 de fevereiro de 1965, cerca de 300 soldados Viet Cong tomaram suas posições e transpuseram as barreiras físicas instaladas, avançando aos poucos diante de Camp Holloway, evitando os obstáculos e a patrulha noturna, que não os detectaram, como traz Nguyen (2001, p. 51). A entrada na base foi realizada às 01h05 da manhã do dia 7 de fevereiro de 1965, em que os Viet Cong responsáveis pelo ataque ao campo de pouso, armados com AK-47, penetraram e iniciaram o ataque às aeronaves e veículos instalados no local. Pouco depois, armados com pistolas automáticas de pequeno porte, a seção responsável pelo ataque à parte de hospedagem dos militares inicia o ataque. Após cinco minutos de intenso ataque, os Viet Cong fogem pela rota de fuga estabelecida dias antes, “deixando para trás 8 soldados norte-americanos mortos, 126 feridos, 10 aeronaves destruídas e mais 15 danificadas” (NGUYEN, 2001, p. 51), sendo considerada uma importante vitória para as tropas de Hanoi.

Esse embate foi um marco não só por ser o primeiro ataque direto de tropas Viet Congs a uma base efetivamente norte-americana (não só de bandeira dos Estados Unidos, mas com soldados e armamento militar norte-americano), como também foi o primeiro de uma série de golpes que afetariam os Estados Unidos de modo geral, o que levou ao acionamento da Operação *Rolling Thunder*¹¹, que intensificaria os esforços ao combate direto contra as bases do Norte (NGUYEN, 2001). Já para o lado do Vietnã do Norte, essa foi uma fase de transição, em que o combate ainda era majoritariamente de guerrilha em si, sem o uso de armamento pesado e do apoio aéreo. Ademais, por ter sido um ataque rápido e sem baixas para o lado norte-vietnamita, foi de extremo valor, trazendo para si algo que se tornaria uma das tônicas dos combatentes do Norte, sendo o conflito guiado pelo conhecimento de terreno e pela rapidez dos ataques, de forma a dificultar a resposta por parte dos adversários (NGUYEN, 2001).

5.3 A Batalha do Vale de Ia Drang: Primeira grande batalha entre Vietnã do Norte e Estados Unidos (14 a 18 de novembro de 1965)

Como mostrado anteriormente, o incidente de Pleiku foi um dos primeiros pontos de virada da guerra, levando a uma escalada bélica por parte dos Estados Unidos, que efetivamente deixaria de ser mero apoiador e fornecedor do Vietnã do Sul e entraria no combate direto com as tropas do Vietnã do Norte, por meio de operações e aumento do contingente militar lotado no Sudeste Asiático. Desse modo, o comandante das forças norte-americanas no Vietnã, “General William Westmoreland solicitou reforços e instalou base permanente em An Khe” (BUILDER; BANKS; NORDIN, 1999, p. 89), no centro geográfico do Vietnã, como forma de responder o acontecido em Pleiku e retaliar de forma efetiva os ataques perpetrados pelas tropas Viet Congs.

Já do lado do Vietnã do Norte, essa região estava a cargo da Sede do Fronte do Oeste, o qual vendo as movimentações dos norte-americanos, preparava uma ofensiva geral para tomar o controle da região do Planalto Central vietnamita, que abrangia as regiões de Kontum, Pleiku, Bin Dinh e Phu Bon (verificar o mapa do Vietnã, na figura 4, mais abaixo) estando essas submetidas ao governo do Vietnã do Sul. Essa região não era apenas estratégica geograficamente, mas também abrangia diversos campos de treinamento e bases

11 Operação dos Estados Unidos da América iniciada em 1965 com o uso gradual da Força Aérea com o intuito de desfolhar a selva vietnamita e de bombardear as áreas militares e/ou civis de suma importância ao Vietnã do Norte, como dito por Friede (2010).

militares sul-vietnamitas e que, neste momento da guerra, serviam aos norte-americanos, destacando-se as bases de Plei Me, Dak Sut e Duc Co, além da própria cidade de Pleiku, importante entreposto, como já destacado no incidente de Camp Holloway, como destacam Builder, Banks e Nordin (1999, p. 91). O EVN tinha a disposição para essa ofensiva o 32º, o 33º e 66º Regimento de Combate.

Figura 2 - Soldados norte-vietnamitas na Batalha de Ia Drang em 1968



Fonte: Associated Press (1968)

A ofensiva dos norte-vietnamitas começou em meados de outubro, logo após a transferência da 1ª Divisão de Cavalaria do Exército dos Estados Unidos estarem alocados em An Khe, com a ordem de ataque à Base Militar de Plei Me por parte do 32º e do 33º Regimento do EVN. No entanto, esse ataque não obteve sucesso, sendo rechaçado por forças norte-americanas, que souberam usar o equipamento militar à disposição. A tropa, comandada pelo General Chu Huy Man, se dirigiu para a fronteira do Camboja. Isso despertou a reação norte-americana, que “nas duas semanas subsequentes ao ataque perseguiram unidades do EVN por meio de operações de reconhecimento e posterior busca e destruição” (BUILDER; BANKS; NORDIN, 1999, p. 92).

As condições do conflito indicavam um confronto entre as forças na região, localizada na bacia do rio Ia Drang, que corta o Planalto Central do Vietnam. O General

Man traçou um plano simples para o EVN, em que ele buscaria o maior número de baixas em cima do Exército dos Estados Unidos e da República do Vietnam (Vietnam do Sul) o quanto fosse possível, a partir do ataque às Forças Especiais dos Estados Unidos em Plei Me e das baixas que seriam causadas pelas tropas que viessem apoiar os norte-americanos após a ofensiva. Já a estratégia dos Estados Unidos consistia na observação completa do local para evitar o ataque, mapeando as bases dos norte-vietnamitas em meio a selva, envolvendo nessa estratégia não apenas a busca terrestre, mas principalmente, a busca por meios aéreos. “A operação de busca por meios aéreos se iniciou no dia 14 de novembro de 1965, a partir da alocação de 16 helicópteros do Exército dos Estados Unidos, sob o comando do Coronel Harold Moore” (BUILDER; BANKS; NORDIN, 1999, p.93).

Ademais, Moore, ao planejar que o número de vietnamitas seria alto, preferiu defender-se em apenas uma zona de pouso (na terminologia americana *Landing Zone - LZ*), para concentrar seus esforços de combate em apenas um local. Assim, a estratégia americana consistia na ofensiva aérea para atacar os norte-vietnamitas em suas bases e em concentrar os batalhões em um só ponto de combate para se tornar mais efetivo, estabelecendo contato com o EVN (BUILDER; BANKS; NORDIN, 1999, p.93).

A batalha de Ia Drang em si iniciou-se em 14 de novembro, quando os helicópteros do Exército dos Estados Unidos encontraram os rastros de presença norte-vietnamita, às 11h20, ao redor da montanha Chu Pong, próxima à zona de pouso estabelecida. A movimentação das tropas e dos pelotões norte-americanos se deu por volta das 15h, enquanto do lado do EVN, os americanos identificaram ao menos de 500 a 600 homens se preparando na floresta que rodeava o vale do rio Ia Drang (BUILDER; BANKS; NORDIN, 1999, p.93).

O último pelotão convocado pelo Coronel Harold Moore chegaria às 16h30, sendo ordenado imediatamente o ataque aos norte-vietnamitas. Porém, esses continuavam a sua estratégia de se manter às escondidas na selva tropical. Ao longo da noite, a batalha seguiria sem grandes avanços geográficos, pois os norte-americanos mantinham um pelotão atacando efetivamente na selva e os restantes assegurando posição de defesa na zona de pouso, enquanto o EVN arriscou ofensivas noturnas, pressionando as tropas americanas na base e ocasionando baixas, tendo nesse ponto inclusive, apoio do 15º Batalhão Viet Cong, como trazem Builder, Banks e Nordin (1999, p. 94)

Os ataques principais, no entanto, viriam pela manhã do dia 15 de novembro, em que por ação coordenada pelo General Man, tanto o 15º Batalhão Viet Cong como o 32º

Regimento do EVN pressionaram os setores leste e sudeste do perímetro, obrigando a defesa americana não apenas em terra, mas no ar. Essa estratégia, traçada no alto escalão do Exército do Vietnã do Norte pelo General Vo Nguyen Giap, o mesmo que conduziu os vietnamitas a vencer em Dien Bien Phu, era eficaz pois seria necessário o uso de ataques aéreos dos B-52s norte-americanos, de modo que a proximidade entre os lados beligerantes, faria com que as baixas não fossem apenas do EVN, como também caberia ao Exército dos Estados Unidos. Como planejado pelos norte-vietnamitas, o ataque foi repellido, porém, as baixas foram compartilhadas, afetando a estratégia defensiva dos Estados Unidos (BUILDER; BANKS; NORDIN, 1999, p.97).

O período de ação intensa, que contava com o ataque por parte dos B-52s, teve seu auge entre os dias 15 e 16 de novembro, com o maior número de baixas sendo sofridas pelo EVN, mas com o Exército dos Estados Unidos sendo afetado principalmente pelo fogo amigo provindo dos ataques aéreos que vitimaram tanto os norte-americanos, como os norte-vietnamitas. Após isso, seguiram-se pequenas emboscadas do EVN, que aumentaram as baixas norte-americanas, mas que também foram repelidas graças ao apoio da artilharia. O término do combate se deu na referida Zona de Pouso X-Ray, levando a retirada por parte do EVN e sendo considerada vitória norte-americana, como trazem Builder, Banks e Nordin (1999, p. 101).

No entanto, o combate não havia terminado, já que no dia 17 de novembro, as tropas norte-americanas moveram-se para outra Zona de Pouso, a Zona de Pouso Albany, dessa vez sob o comando do Coronel Robert McDade, sendo localizada a norte do Rio Ia Drang. Já o Exército do Vietnã do Norte contava com o 8º Batalhão, se constituindo a partir das tropas de contingência do General Man, estando descansadas e melhor preparadas, diferente dos “pelotões norte-americanos que além do desgaste da batalha em X-Ray, ainda sofreram com a locomoção em plena selva” (CARLAND, 2000, p. 145). Assim, para os americanos, o combate por helicóptero e por B-52s seria ainda mais importante, haja em vista a necessidade de contrapor à disposição dos norte-vietnamitas.

O momento chave da batalha na Zona Albany foi a emboscada preparada novamente pelo General Man, em que o 8º Batalhão, com apoio dos VC, às 13h15 do dia 17 encurralou o 2º Batalhão do Exército dos Estados Unidos, após atraírem o pelotão de reconhecimento diretamente a sua base. Escondidos em meio a selva e em formato de L, o batalhão da EVN iniciou a mais bem-sucedida emboscada da Batalha, inclusive com a colocação de *snipers*

no perímetro da área, assegurando a presença dos americanos na emboscada e evitando sua fuga. (CARLAND, 2000, p.145)

Em razão da situação, o “Coronel McDade, ao ver que a perdas estavam sendo intensas, convocou os helicópteros *Skyraiders* que bombardearam napalm no meio do conflito” (CARLAND, 2000, p. 146). Porém, justamente por estarem em proximidade, as mortes ocorreram indiscriminadamente, tendo fortes baixas tanto para os norte-vietnamitas como para os americanos, como traz Carland (2000, p. 146). O apoio aéreo dos B-52s, chegados pouco depois vindos de Guam, também não se provou efetivo nesse combate, pois sofreram o mesmo problema de atingir fogo amigo.

Figura 3 – Chamas das bombas incendiárias iluminam os mortos e feridos norte-americanos no ataque da Zona de Pouso Albany em 1968



Fonte: Associated Press (1968)

A evacuação americana seria completa apenas às 22h30, e mesmo assim, sob intenso fogo do Exército do Vietnam do Norte, durante a saída dos helicópteros de resgate. O dia 18 já não tinha mais combate, restando apenas os resquícios dos caídos em batalha. Estima-se que o número de “baixas totais na batalha de Ia Drang foram de 499 soldados norte- americanos, desses 155 somente na Zona de Pouso de Albany” (CARLAND, 2000, p. 149), com perda de 95% do efetivo do 2º Batalhão, enquanto “o Exército do Vietnã do Norte teve baixa de 1070 soldados, sendo destes 634 na Zona X-Ray” (CARLAND, 2000, p.149).

Ademais, o Exército dos Estados Unidos teve 4 helicópteros abatidos e 55 danificados, como traz Carland (2000, p.149).

Por fim, Ia Drang é tido como um dos marcos da guerra não apenas pelo caráter pesado da batalha de emboscadas que foi, mas sim por ser a imposição do primeiro gosto de derrota aos Estados Unidos no Vietnam em um conflito aberto (CARLAND, 2000, p.150). Portanto, apesar de terem incorrido em sucesso na Zona X-Ray, na Zona Albany os norte- vietnamitas mostraram que a despeito de não terem o poderio bélico ao seu lado, tinham uma estratégia de alta força, personificada pelo General Vo Nguyen Giap e executada nesse caso, com maestria, pelo General Chu Huy Man.

5.4 A tentativa ousada do Vietnam do Norte: Ofensiva do Tet (30 de janeiro de 1968)

Após a batalha de Ia Drang, o conflito ficou mais restrito ao combate de guerrilhas Viet Cong e dos batalhões norte-americanos, sendo um combate mais baseado em emboscadas e ataques rápidos por ambos os lados. Com a guerrilha VC e o EVN se utilizando da selva como sua maior aliada, os Estados Unidos decidiram aumentar o efetivo da Operação *Rolling Thunder* operando cada vez mais com os B-52s vindos de Guam e apelando ao uso de agentes como o agente laranja¹² e o napalm¹³. Entre 1965 e 1967, o número efetivo de combatentes dos Estados Unidos saiu de 180.000 para 485.000, em dados apresentados por Spector (2001), o que levou a um impacto midiático maior, gerado desde a batalha de Ia Drang, em que ocorreu a discussão do lado americano do quanto essa guerra valia a pena.

Já do lado de Hanoi, a problemática pairava no alto número de baixas militares e mortes civis durante a guerra, haja em vista que boa parte dos ataques norte-americanos eram sobre aldeias e vilas da região norte, levando a perda não apenas de sua população, mas de importantes localidades para o desenvolvimento da atividade de guerrilha. Destaca-se nesse período também, como indica Spector (2001), a Operação *Cedar Falls*, que veio dos Estados Unidos, mas contou com apoio maciço da República do Vietnam (Vietnam do Sul), que mirava as bases Viet Cong no sul do país, mais exatamente próximo a Saigon,

12 Herbicida utilizado pelas Forças Armadas dos Estados Unidos com o intuito de desfolhar a vegetação tropical do Vietnã do Norte, área utilizada pelas forças norte-vietnamitas para o preparo de suas emboscadas. Altamente tóxico (UFPE, 2019).

13 Agente carbonizante composto por gasolina e um agente gelificante (gel) de natureza inflamável, aderindo à superfície exposta causando a combustão e a emissão de gases tóxicos, como monóxido de carbono e dióxido de carbono (UFPE, 2019).

temendo o risco de um ataque à principal base dos sul-vietnamitas e, por conseguinte, dos Estados Unidos.

No começo de 1968, a guerra entrava em uma fase decisiva, já que no final do ano anterior, as operações de busca e destruição (*seek and destroy*) dos Estados Unidos tinham ampliado fortemente as baixas dos norte-vietnamitas, porém, mostrava-se um gasto insustentável a médio prazo, haja em vista a intensa atividade de equipamentos militares e de forças norte americanas, intensificadas graças à Operação Cedar Falls. Nesse ponto, o então Secretário de Defesa Robert McNamara trouxe à pauta que o aumento de efetivo e de bombardeios não levariam a vitória nem fariam o Vietnam do Norte negociar, trazendo à mesa a proposta de acabar os bombardeios, gradualmente reduzir os efetivos e reforçar as forças do Exército da República do Vietnam (ERV) para que eles se ocupassem de concluir a guerra que era própria. No final das contas, as ideias de McNamara não renderam apoio dentre o meio militar e da alta cúpula presidencial, se mantendo, portanto, a alta atividade bélica estabelecida anteriormente (SPECTOR, 2001).

Enquanto os Estados Unidos não vislumbravam uma estratégia clara, o Vietnam do Norte, no início do mesmo ano de 1968, por meio de Ho Chi Minh e Vo Nguyen Giap reconheciam os danos que as operações aéreas norte-americanas tinham trazido ao país e que a estratégia deveria mudar, pondo a cabo um plano que sairia da defensiva no Vietnam do Norte para a ofensiva em todo o Vietnam do Sul, aborda Spector (2001). Como traz Espinosa (2018, p. 87), “a ideia dos dirigentes de Hanoi era realizar um ataque geral do exército norte-vietnamita e dos Viet Congs, que se somariam a um alistamento da rede clandestina comunista no Vietnam do Sul”, plano esse que faria cair todo o regime de Nguyen Van Thieu, então presidente da República do Vietnam. Assim, na visão de Minh e de Giap, os Estados Unidos teriam um desastre semelhante a Dien Bien Phu em suas mãos e seriam obrigados a sentar na mesa de negociações e aceitar boa parte das condições estabelecidas pelo governo norte-vietnamita (ESPINOSA, 2018, p. 87).

O plano dos norte-vietnamitas iniciou, primeiramente, com um disfarce de qual objetivo principal do plano, deixando sob a vista norte-americana apenas as principais cidades, tais como Saigon (capital do Vietnam do Sul) e Da Nang (principal cidade portuária do Vietnam do Sul), realizando pequenos ataques sobre as bases americanas lá instaladas, realizando-se por esse lado a partir das operações do EVN, conforme traz Espinosa (2018, p. 88).

Já no âmbito dos Viet Congs, esses se infiltravam no saque de armamento ligeiro e de explosivos, sempre em quantidades pequenas, para passar despercebido pelo radar norte-americano, sendo mais um ponto que deixava a ofensiva encoberta ao seu real intuito. Por fim, a data do plano usaria de um mesmo subterfúgio já utilizado pelos vietnamitas, em que os líderes norte-vietnamitas decidiram utilizar o mesmo truque que utilizaram para atacar os chineses em Hanoi no século XVII, consistindo essa em aproveitar a celebração do Tet¹⁴ para perpetrar o ataque, como apresenta Espinosa (2018, p. 88).

No entanto, para que a ofensiva obtivesse êxito, se punha mais uma condição: o fim dos bombardeios norte-americanos, de modo que Ho Chi Minh articulou em conjunto com a Romênia (país que fazia parte da Cortina de Ferro no ano de 1968) para intermediar um encontro com diplomatas norte-americanos para cessar os ataques aéreos durante o Tet, conseguindo que os Estados Unidos se comprometessem, ao menos, em não atacar a zona de Hanoi. A vantagem decisiva para a escolha do Tet também é a de que os sul-vietnamitas iriam celebrar essa data, com o Exército da República do Vietnam tendo três dias de folga para as festividades (ESPINOSA, 2018, p. 88).

A ofensiva começou na madrugada do dia 30 de janeiro de 1968, no exato do dia de celebração do Tet, tanto por parte do EVN como dos VC. Os combates ocorreram em 36 das 44 capitais de província, cinco das seis cidades autônomas e 64 das 242 capitais de distrito, como traz Espinosa (2018, p. 89-90). Com ataques focados nos quartéis e bases militares espalhados no Vietnam do Sul, os focos estenderam-se, principalmente em Saigon, em que se atacou não só o Quartel General do ERV, como também o palácio presidencial, a emissora nacional de rádio e diversas embaixadas, destacando-se o embate na embaixada dos Estados Unidos. O ataque rápido e repentino indicava que o General Giap havia conseguido transferir as tropas que estavam na selva para as mais diferentes localidades do Vietnam do Sul (ESPINOSA, 2018, p. 89).

Porém, o plano encontrou uma falha que no seu planejamento se constituía como imprescindível ao seu sucesso, sendo justamente a reação da população sul-vietnamita. Como exposto, a alta cúpula de Hanoi tinham em mente que conseguiriam lidar com o poderio de contra-ataque dos Estados Unidos graças ao apoio que a população do Sul em tese levantaria, o que ocasionaria um baque não apenas em termos militares, como em termos morais ao auxílio que os norte-americanos dava no combate. No entanto, a falha

14 O Tet é a celebração do ano novo lunar no Vietnã, em uma festa que há deslocamento massivo da população para render culto aos seus antepassados nos respectivos locais de nascimento, como dito por

ficou evidente a partir do momento em que, ao decorrer dos ataques, a população do Sul não mostrou entusiasmo em seguir os passos dos norte-vietnamitas.

Para isso, Espinosa (2018, p. 90) traz duas motivações. A primeira era a de que a população sul-vietnamita não se mostrava partidária ao regime comunista de Ho Chi Minh e, por conseguinte, não era favorável às causas que o Vietnã do Norte lutava na Guerra; segundo, já como consequência da falta de apoio que a primeira causa demonstrou, é a de que a reação norte-americana foi totalmente esmagadora com a ofensiva, o que para a população mostrou que era ainda mais benéfico manter-se em repouso do que assumir o risco de apoiar o Vietnã do Norte e sofrer com as consequências que essa atitude traria.

No que tange à reação americana, o Exército dos Estados Unidos a partir do momento em que se viram sob ataque, pôs em ação toda a sua máquina de guerra. Salienta-se que por ter sido um ataque, em sua maior parte, urbano, facilitou a prática dos combates convencionais por parte dos norte-americanos, fator que seria essencial, já que a mobilidade, tão prejudicada pelos combates em meio a selva, seria facilitada pelo já conhecido combate em cidades. Outro fator é o apoio aéreo, o qual havia sido colocado em *stand by* justamente pelos pedidos de cessar-fogo do Tet, foi imediatamente posto em ativa e contra-atacou fortemente as bases e pontos de ataque do exército norte-vietnamita (ESPINOSA, 2018, p. 90).

Já sobre o ERV, assegurando as defesas do território do Vietnã do Sul, esse conseguiu resistir aos ataques em várias localidades, conseguindo se sobrepôr, com apoio norte-americano, em diversos embates com o EVN. Ademais, as poucas deserções sofridas pelas tropas do Vietnã do Sul, um aspecto essencial no plano da Ofensiva, também se mostraram de suma importância para que o Vietnã do Sul mantivesse a posse das cidades naquele momento. A reação imediata levou a uma morte massiva dos guerrilheiros VC, sendo explicada por Espinosa (2018, p. 91) pelo fato de que tais tropas estavam acostumadas ao combate em selva, por meio de emboscadas e ataques de surpresa. Entretanto, seguindo o raciocínio do autor, quando se depararam em situação de combate urbano e procedimentos de conflito convencional não encontraram as melhores condições para suas táticas, se deparando com as tropas norte-americanas, mais acostumadas a tal situação.

Após a Ofensiva do Tet, os Viet Congs ficaram enfraquecidos, não tendo a força de batalha característica até o momento, mostrando que a força militar do Vietnã do Norte agora seria majoritariamente de responsabilidade do EVN. Dessa maneira, a Ofensiva do Tet mostrou-se um capítulo à parte da Guerra do Vietnã, abrindo locais de batalha,

destacando-se Hue, Khe Sanh e a capital Saigon, e levando a baixas pesadas por todos os lados do conflito (ESPINOSA, 2018, p. 91).

5.5 Os principais conflitos da Ofensiva do Tet: Hue, KheSanh e Saigon

Como dito anteriormente, a Ofensiva do Tet trouxe consigo diversos conflitos ao redor do Vietnã do Sul, haja em vista que atingiu praticamente toda a extensãõ urbana do país. Por conseguinte, as áreas de maior incidência de ataques eram as mais populosas, de maior influência governamental no Sul ou aquelas que tinham bases militares de relevância para o Vietnã do Sul ou para os Estados Unidos. Nesse caso, as batalhas de maior complexidade e importância da Ofensiva do Tet, segundo Espinosa (2018, p.87) foram o ataque a Saigon, a batalha de Hue e a ofensiva à base norte-americana de Khe Sanh.

O primeiro caso a ser abordado é o de Hue, cidade localizada no centro do Vietnã geográfico e próximo à Zona Desmilitarizada. Ademais, tem grande importância estratégica por se localizar justamente na metade do caminho entre Hanoi e Saigon. Ademais, Hue tem até mesmo importância histórica, pois foi a capital do país quando a Dinastia Nguyen, e o colonialismo francês, dominavam a Indochina, de forma que a sua conquista por parte do Vietnã do Norte se constituiria como uma demonstração de força e de reafirmação histórica por parte de Ho Chi Minh. Por fim, Hue é uma cidade costeira, sendo um dos mais importantes portos do Vietnã do Sul durante a Guerra, constituindo um entreposto militar utilizado pelos norte-americanos de forma constante, conforme Spector aborda (2001).

O primeiro ponto a se destacar acerca da ofensiva norte-vietnamita era a sua proximidade perante a Zona Desmilitarizada, que obviamente não era coberta em sua integridade total pela densidade das matas tropicais do Vietnã, o que facilitou a infiltração por parte das tropas do EVN e dos guerrilheiros VC. Iniciada no dia 30 de janeiro, como em todo o país, pegou de surpresa as forças norte-americanas e sul-vietnamitas, que se encontravam desfalcadas na cidade de Hue propriamente dita, estando instaladas apenas uma companhia do ERV e alguns soldados de apoio norte-americanos. A unidade efetiva norte-americana mais próxima se encontrava a 12 quilômetros ao sul de Hue, sendo um Corpo de *Marines*¹⁵ dos Estados Unidos. Já os norte-vietnamitas contavam com dois batalhões providos pelo 6º Regimento do EVN, bem como com o 12º Batalhão VC, que em apenas

15 De acordo com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América, os Marines correspondem ao Corpo de Fuzileiros Navais norte-americanos, definidos pelo órgão como a força de elite das Forças Armadas dos Estados Unidos, sendo posta como a primeira linha dos combates tomados pelos Estados Unidos (DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS, 2019).

duas horas tomaram a cidade, como destacado por Espinosa (2018, p. 92). O mau tempo constante na região impediu que as forças de defesa norte-americanas pudessem acionar a artilharia e o apoio aéreo, de modo que o combate se deu de forma direta, com as tropas norte-americanas e sul-vietnamitas encarando os norte-vietnamitas por cerca de um mês (ESPINOSA, 2018, p. 92).

Durante o mês de fevereiro, o combate urbano em Hue se deu basicamente por toda extensão da cidade, com praticamente toda rua ou logradouro da cidade sendo um ponto de conflito. Após a chegada dos *Marines*, no início de fevereiro, o combate se tornou um dos mais ferozes da Guerra do Vietnam. Imediatamente, os dois lados buscaram reforçar seus efetivos dentro da cidade, de modo que tropas de fora de Hue foram chamadas com o intuito de seguir a cabo o combate. Pela primeira vez na Guerra do Vietnam, os embates saíam da selva ou de regiões próximas a selva ou isoladas das maiores cidades para um centro urbano, gerando um combate casa-a-casa (ou seja, com invasão das linhas inimigas dentro das casas e construções da cidade), estilo inédito para as tropas VC e que os Estados Unidos não encaravam desde a Segunda Guerra Mundial, como destacado por Robertson e Yates (2003, p. 180). Ademais, esse devia ser o estilo de batalha, haja em vista que o mau tempo e os danos à cidade não permitiam o uso da artilharia e do ataque aéreo.

No final de fevereiro, mais exatamente no dia 27, os norte-americanos e sul-vietnamitas tomaram novamente a posse de Hue, após intensa batalha no lado sul, sendo o lado pelo qual os reforços norte-americanos adentraram, e principalmente na Cidadela de Hue, o que levou a intensa destruição na cidade, culminando a partir do dia 24 de fevereiro no uso de artilharia para atacar as bases norte-vietnamitas restantes e no dia 26 de fevereiro, ataques aéreos sobre as posições do EVN. No entanto, a vitória norte-americana foi mínima, de maneira que as tropas de ambos os lados estavam extenuadas e com baixas pesadas, além da destruição de praticamente toda a cidade, principalmente as construções do lado sul, afetadas pelas operações militares de invasão e a parte histórica, como a Cidadela, local dos combates mais intensos da Batalha (ROBERTSON; YATES, 2003, p. 180).

Foi o embate mais duradouro da Ofensiva do Tet, durando de 30 de janeiro a 2 de março de 1968, quando os últimos conflitos na cidade cessaram. As baixas calculadas foram de: ERV (Vietnam do Sul) com 452 mortos e 2.123 feridos; Tropas dos Estados Unidos com 216 mortos e 1.584 feridos, já o Departamento de Defesa do Vietnam do Norte deu como números de baixas do EVN na casa dos 2.400 mortos e 3.000 feridos no período de conflito. Durante a batalha, 844 civis morreram e 1.900 ficaram feridos,

enquanto, durante a ofensiva

em si, o Governo do Vietnam do Sul indica que cerca de 4.856 civis foram capturados e executados pelas tropas do Vietnam do Norte, além de 80% da cidade ter sido destruída e que 116.000 pessoas estavam desabrigadas (CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, 1968, p. 11 e 12).

Hue foi de suma importância para a opinião pública, primeiramente por ter sido um dos combates com maior número de baixas na Ofensiva do Tet, momento que por si só já foi chave para o desenrolar da guerra. Ademais, nos Estados Unidos, a frase dita pelo General Foster LaHue em que “foi preciso destruir a cidade para salvá-la” (ROBERTSON; YATES, 2003, p. 183), ecoou a imagem de Exército que seria tão brutal como o inimigo propagandeado, além de que as promessas de uma guerra rápida e exitosa se mostrava um engodo à população.

Figura 4 - Mapa da área do Vietnam e da antiga Indochina entre os anos de 1965 a 1970, com destaque a Rota Ho Chi Minh



Fonte: Ronald H. Spector (2005)

Outro evento desencadeado pela Ofensiva do Tet foi o cerco à base de Khe Sanh. A Base de Combate de Khe Sanh foi estabelecida em 1964 como ponto de apoio do Exército dos Estados Unidos, no grupo conhecido como os “boinas verdes”, e em 1967 se tornou base do Corpo de *Marines* dos Estados Unidos. Khe Sanh se situa na parte noroeste do Vietnam do Sul, a pouco menos de 10 quilômetros da fronteira com o Laos e 23 ao sul da Zona Desmilitarizada. A instalação da base nesse local não foi aleatória, sendo escolhida justamente por se encontrar em uma das intercessões da Rota Ho Chi Minh (ESPINOSA, 2018, p. 22)

A Rota Ho Chi Minh era, primeiramente, uma rota utilizada para comércio e contrabando no período da antiga Indochina, serpenteando as bases das montanhas e entrecortando a selva tropical da região. A partir da Primeira Guerra da Indochina, a rota foi

utilizada com intuito militar, se tornando uma via de comunicação entre os depósitos de suprimentos norte-vietnamitas e as tropas que realizavam operações no Vietnã do Sul, constituindo-se numa base fundamental para o EVN e para os VC. Salienta também que por ter sido construída na antiga Indochina, a rota tinha boa parte de seu trajeto no Laos e chegava também ao Camboja. Desse modo, graças à importância que a rota tinha na estratégia militar de Hanoi, os norte-americanos viam como necessidade a instalação de bases militares em interseções do caminho, além de servir como base de combate aéreo para os ataques aéreos no decorrer da Rota Ho Chi Minh (ESPINOSA, 2018, p. 23)

Khe Sanh tinham algumas características peculiares, como estar entre as colinas e as selvas tropicais do Vietnã, decorrendo problemas logísticos e meteorológicos, com clima instável e neblina em boa parte do ano, o que afetava principalmente as operações aéreas. A base dispunha de uma pista de aterrissagem de um quilômetro de extensão, sendo construída pelo Batalhão de Construção da Marinha Norte-Americana. Porém, as próprias características logísticas da base não permitiam a aterrissagem de aviões de grande porte. Por fim, a base possuía diversas peças de artilharia, que serviam para o ataque às tropas norte-vietnamitas que se movimentavam no decorrer da Rota, assim indicado por Espinosa (2018, p. 23).

No final de 1967, as tropas norte-americanas que estavam em Khe Sanh detectaram presença de divisões norte-vietnamitas, na qual estimaram em cerca de 20 mil homens se concentrando ao redor da base, principalmente no lado laosiano da fronteira. Além disso, ataques Viet Congs esporádicos eram realizados, o que levava a alguns enfrentamentos quando as patrulhas de reconhecimento se encontravam (ESPINOSA, 2018, p. 23).

A batalha em si começou antes da Ofensiva do Tet propriamente dita, no dia 21 de janeiro de 1968, com os ataques da artilharia norte-vietnamita, danificando imediatamente a pista de aterrissagem e o depósito principal de munições da base. A aldeia ao redor da base foi evacuada para Da Nang e reforços dos Estados Unidos e do Vietnã do Sul foram convocadas para reforçar a guarnição da base. Khe Sanh, por ser estratégica para as tropas norte-americanas, detinha alguns aparatos tecnológicos, destacando-se os sensores eletrônicos ao redor da parte da base voltada a fronteira laosiana, na qual os Estados Unidos imaginaram ser de onde viria o ataque. Porém, o ataque norte-vietnamita veio da região sudeste da fronteira, zona que não estava coberta pelos sensores, de maneira que os *Marines* foram pegos desprevenidos e a parte sudoeste da base foi tomada pelo EVN (ESPINOSA, 2018, p. 23).

Desse modo, a batalha ficou com os norte-vietnamitas abrindo frentes ao redor da base, adentrando diretamente, já as forças dos Estados Unidos e do Vietnã do Sul seguravam-se em terra, enquanto contavam com o apoio aéreo da Força Aérea Norte-Americana, que realizava ataques massivos. Para combater os ataques aéreos, o EVN instalou as peças de artilharia para atingir as aeronaves norte-americanas, o que ampliou ainda mais o conflito (ESPINOSA, 2018, p. 24).

A resposta dos Estados Unidos para a artilharia viria do Pacífico, mais exatamente da ilha de Guam, com os B-52s que em meados de fevereiro de 1968, com o tempo se mostrando menos instável foram liberados ao ataque das bombas aéreas, denominadas pelo Exército norte-vietnamita como “a morte sussurrante”, com a sua presença sendo percebida apenas pelos pequenos assobios que a aproximação da terra trazia. A operação em Khe Sanh, denominada de Operação *Arc Light* durou até 9 de julho de 1968, e terminou a batalha pela base aérea com os seguintes números: Do lado dos Estados Unidos e do Vietnã do Sul tiveram cerca de 3.000 mortos e 9.000 feridos, além de 250 capturados pelo Vietnã do Norte, enquanto o Vietnã do Norte teve cerca de 10.000 mortos em ação e 1.436 feridos (SPECTOR, 2001).

Khe Sanh terminou sob posse dos Estados Unidos, porém, apesar da derrota do Vietnã do Norte, fica o questionamento por parte dos norte-vietnamitas. A estratégia de tomar tal base foi justamente uma forma de distração para que cidades ao redor como Hue, Pleiku e Da Nang fossem mais facilmente atacadas pela Ofensiva do Tet (relembrando que o ataque a Khe Sanh iniciou em 21 de janeiro, 9 dias antes do Tet). Outro ponto que é importante salientar, é o de que enquanto os americanos se mantinham concentrados em Khe Sanh, o EVN e os VC tomavam a estratégica aldeia de Lang Vei, entreposto na rota Ho Chi Minh, localizada ao norte da base de Khe Sanh tomado por alguns estamentos dos Estados Unidos e do Vietnã do Sul, além do apoio dado pela população montanhosa (SPECTOR, 2001)

A tomada de Lang Vei foi chave não só para manter a Rota Ho Chi Minh ativa ao norte, como também foi importante ao redirecionar o apoio da população local dos Estados Unidos para o Vietnã do Norte, haja em vista que os norte-americanos se utilizaram da população como primeira linha de defesa da invasão. Ademais, os efeitos de Khe Sanh seriam os mesmos que rodeavam toda a Guerra do Vietnã, sendo um confronto baseado na exaustão e na eliminação mútua do inimigo, além do gasto imenso em munição e suprimentos por parte dos Estados Unidos, efeito que foi potencializado em Khe Sanh, sendo

a batalha da Guerra do Vietnam com maior uso de bombas e de napalm, com estimados 50 mil toneladas de napalm lançados e 100 mil toneladas de bombas de várias formas na base militar e nos arredores (ESPINOSA, 2018, p. 25)

Por fim, o embate de Saigon merece ser debatido à parte da Ofensiva do Tet como um todo por alguns motivos. Primeiramente, Saigon era a capital do Vietnam do Sul, sendo a cidade em que estavam instaladas o Palácio Presidencial, o Quartel-General do Exército da República do Vietnam e a embaixada dos Estados Unidos. Além disso, Saigon detinha significado histórico e estratégico importante para Ho Chi Minh e Vo Nguyen Giap, haja em vista ser a maior cidade do Sul e ser a base do imperialismo desde os períodos de Indochina Francesa, caracterizada pela arquitetura e formação da cidade em sua origem. Por fim, tomar Saigon representaria o feito principal da guerra, em que a tomada da maior cidade do Vietnam do Sul representaria o final dos embates, como ocorreria alguns anos depois. Desse modo, Saigon seria o maior alvo da Ofensiva do Tet, colocada assim até mesmo pela alta cúpula de Hanoi (ESPINOSA, 2018, p. 26).

No dia 30 de janeiro de 1968, avançaram sobre a capital do Vietnam do Sul cerca de 11 batalhões do EVN e das guerrilhas Viet Congs, dirigindo-se para o centro nervoso de Saigon, destacando-se o Quartel General do ERV, o palácio presidencial, a base aérea de Tan Son Nhut, a emissora de Rádio Nacional e a embaixada dos Estados Unidos. Como traz Espinosa (2018, p. 27), o plano norte-vietnamita teria como sinal a leitura de um poema de celebração ao Tet por parte de Ho Chi Minh, através da Rádio Hanoi. Assim, primeiramente, os soldados estariam infiltrados como civis e por meio disso atacaram a cidade e o seu exterior, tendo essa primeira parte do plano a duração de 48 horas, momento em que os reforços para garantir a posse da cidade chegariam. O ataque, como imaginado, tomou de surpresa as forças de defesa do Vietnam do Sul, até pelo caráter festivo do Tet, cujo clima festivo havia inundado a cidade de Saigon. Espinosa (2018, p. 27) traz que quando as forças norte-vietnamitas começaram o ataque, as explosões e estampidos se confundiram com os fogos de artifício que celebravam o Tet.

Passada a surpresa do ataque inicial, nos dias 31 de janeiro e 1º de fevereiro viram a chegada de reforços de ambos os lados, destacando que os militares do lado do Vietnam do Sul vieram às pressas, pois vários estavam de folga e fora das cidades para a comemoração do feriado do Tet, já que no dia 30 “estavam em Saigon apenas o 716º Batalhão de Polícia Militar dos Estados Unidos, a 1ª Unidade de Rangers do Vietnam do Sul e alguns elementos da polícia do Vietnam do Sul” (ESPINOSA, 2018, p. 27). Assim, mais uma vez a Ofensiva

do Tet tirava os combates das selvas e das montanhas para um combate eminentemente urbano, o que seria crucial para as forças do Vietnã do Norte, acostumadas ao combate em campo aberto.

Um dos alvos mais visados pelos norte-vietnamitas era a embaixada dos Estados Unidos, localizada no centro de Saigon e instalada em um edifício de seis andares. Na noite do Tet, “ele estava guardado por um grupo de seis integrantes dos *Marines*, enquanto os 200 membros da inteligência e alta cúpula militar norte-americana estavam assistindo às festividades na cidade” (ESPINOSA, 2018, p. 28). Às 02h45min, uma unidade Viet Cong composta por 19 integrantes iniciou a invasão à embaixada. Primeiramente, os militares que protegiam a embaixada responderam os disparos e fecharam o acesso a ela, sendo tão repentino que quem estava no interior do prédio confundiu os disparos das armas de fogo com rojões das festas espalhadas por Saigon. Dentre os invasores, tinham alguns que realizavam a função de sapadores (indivíduos que fazem as trincheiras ou buracos para inserção das minas terrestres), os quais conseguiram abrir uma brecha no muro externo da embaixada e lançaram várias granadas para a entrada do edifício principal, adentrando com lança-granadas e armamento ligeiro (ESPINOSA, 2018, p. 28).

A entrada foi seguida de um tiroteio, que deixou baixas tanto dos invasores da embaixada como por parte dos norte-americanos que tentavam defendê-la, além dos diplomatas ali instalados terem montado barricadas dentro do prédio. As baixas dos norte-vietnamitas, porém, foram mais pesadas, pois os caídos eram justamente os chefes da incursão. Este incidente selou o destino de toda a incursão, pois a equipe foi incapaz de penetrar no prédio de forma eficaz, sendo necessário aos Viet Congs montarem defesas ante a iminente chegada de reforços norte-americanos. Os reforços chegariam às 09h20min da manhã do dia 30 de janeiro, com as forças conseguindo tomar o controle total da embaixada novamente. Os números finais foram de 5 militares norte-americanos mortos; 18 norte-vietnamitas mortos e 1 capturado (ESPINOSA, 2018, p. 29)

A invasão da embaixada dos Estados Unidos se tornou um evento simbólico da Guerra do Vietnã justamente por ter ocorrido em um local com grande profusão de repórteres e mídias estrangeiras, ponto abordado por Espinosa (2018, p. 29), sendo por si só um evento emblemático o duelo entre os Viet Congs e os militares norte-americanos dentro da embaixada, mostrando ao mundo todo que até mesmo o poderio bélico norte-americano poderia ser pego de surpresa.

5.6 A entrada de Nixon e o fim da guerra

Em 1969, Richard Nixon sucedera Lyndon Johnson na presidência dos Estados Unidos. Ferrenho anticomunista, regeu o país para manter o apoio ao Vietnã do Sul. Seu plano consistia em manobrar poderio bélico o suficiente para que o sul pudesse manter seu território e ganhar a guerra por si só, em um processo que foi chamado de vietnamização (HUFFPOST, 2017).

Apesar de demonstrar forte ideologia em contraste, sua regência foi marcada por acalmar os ânimos da comunidade internacional em relação a seu intervencionismo, ao menos de maneira direta, no tocante a suas relações diplomáticas. Nixon estabeleceu em certo nível relações pacíficas com a União Soviética e estreitou laços com a China (FURTADO, 2017). Estes e outros conjuntos de acordos e posicionamentos no final da década de 60 coincidiram com a morte de Ho Chi Minh, devido a problemas de saúde, no dia 2 de setembro de 1969 (HISTORY, 2019).

No mesmo ano, Camboja, que se mantinha em posição de neutralidade e até mesmo tolerava a presença dos Viet Congs em seu território, mudou este posicionamento. Em março de 1970, o presidente Nixon manda bombardear Camboja, visando dismantelar refúgios vietcongues no país; no mês seguinte, Camboja é invadida por tropas do Vietnã do Sul e dos Estados Unidos. No ano seguinte, soldados sul-vietnamitas, apoiados pela aviação norte- americana, invadem Laos (HISTORY, 2019).

Com a invasão do Camboja em destaque na época, a ala estudantil de esquerda¹⁶ que já se mobilizava contra suas decisões ganhou cada vez mais força e alcance. Naquele ponto da guerra, em novembro de 1967, a força de tropas americanas no Vietnã estava se aproximando de 500.000 e as baixas dos EUA atingiram 15.058 mortos e 109.527 feridos. A Guerra do Vietnã estava custando aos EUA cerca de US \$ 25 bilhões por ano, e a desilusão estava começando a atingir maiores setores do público contribuinte (HISTORY, 2019). A própria possibilidade de ser convocado para a contenda vietnamita incutia terror, com americanos debandando para países como o Canadá até que a guerra eventualmente acabasse (HISTORY, 2019).

Por estes e outros fatores, Nixon sofreu uma grande pressão contra a guerra por parte da população estadunidense, diminuindo sua popularidade e influência interna, já que tirava a legitimidade de suas ações da parcela de cidadãos que não se manifestavam contra suas

16 Membros da organização esquerdista Estudantes para uma Sociedade Democrática (PURDY, 2010).

intervenções¹⁷. Este contexto foi essencial para o início da retirada americana e a adesão às tentativas de negociação da paz. Em 1971, a Austrália e a Nova Zelândia retiraram suas forças do Vietnã e as tropas dos Estados Unidos foram reduzidas a um total de 196 mil homens, com uma data limite de fevereiro de 1972 para a retirada de mais 45 mil soldados (US WINGS, 2003). À medida que os protestos contra a guerra cruzavam os EUA, a desilusão crescia e a moral caía entre a tropa, com o aumento do uso de drogas, conflitos raciais e desobediência aos oficiais (AGRA FILHO, 2011).

Forças do Vietnã do Norte planejaram, neste panorama, um avanço total sobre o Vietnã do Sul. Esta ofensiva ficou conhecida como a Ofensiva da Páscoa, já que foi perpetrada no feriado da Páscoa no final de março de 1972. Nos dois primeiros meses foram conquistadas amplas áreas do Vietnã do Sul, causando assim, um grande impacto. Contudo, forças aéreas enviadas por Nixon em maio de 1972 cessaram o avanço do norte e iniciaram uma sangrenta retaliação.

Esta ofensiva norte americana serviu para acalmar os ânimos da então instável e amedrontada administração do Vietnã do Sul. A retomada da ofensiva do sul por mãos americanas não parou por aí: os bombardeios seguiram avassaladores e no final de 1972, nas operações chamadas Linebackers I e II, a destruição alcançou até mesmo áreas desmilitarizadas e fazendas com nenhum poderio bélico (ALTMAN, 2017).

Em 27 de Janeiro de 1973, é finalmente assinado em Paris o acordo de paz, e no dia seguinte anuncia-se o cessar fogo. Segundo o governo norte-americano, o que levou a representação do Vietnã do Norte a assinar o acordo de paz foram os devastadores bombardeios sofridos por eles. Em fins de março de 1973, Nixon argumentou que na nação os Estados Unidos tinham conseguido uma paz honrosa no Vietnã sob seu controverso lema: “paz e não vitória” (AGRA FILHO, 2011). Do outro lado da guerra, o Vietnã do Norte retorna 591 prisioneiros de guerra americanos (incluindo o futuro senador e candidato à presidência dos Estados Unidos, John McCain) no que é conhecido como Operação *Homecoming*.

Entre 1974 e 1975, Nixon renuncia ao cargo devido ao escândalo de Watergate¹⁸ e Gerald R. Ford o substitui, assinando em sequência uma anistia que isentou qualquer

17 Nixon afirmou em um famoso discurso que manifestantes contra a guerra constituíam uma pequena - embora vocal - minoria que não deveria permitir abafar a "maioria silenciosa" dos americanos (HISTORY, 2019).

18 O caso Watergate foi o escândalo político que levou à renúncia do presidente Nixon. Watergate é o nome do complexo que funciona como sede do partido democrata. O caso começou com a prisão de cinco homens, que foram pegos instalando equipamentos de espionagem e fotografando documentos na sede democrata. A

culpabilidade por parte dos atos tomados por seu antecessor. No evento chamado “Outono de Saigon”, a capital do Vietnã do Sul é tomada pelas forças comunistas e o governo do Vietnã do Sul se rende. Os helicópteros da Marinha e da Força Aérea dos EUA transportam mais de 1.000 civis americanos e quase 7.000 refugiados do Vietnã do Sul para fora de Saigon, em um esforço de evacuação em massa de 18 horas (HISTORY, 2019).

Com a total ausência de interferências americanas, em julho de 1975 o Vietnã do Norte e do Sul são formalmente unificados como República Socialista do Vietnã sob o regime comunista de linha dura (HISTORY, 2019).

prisão aconteceu durante a campanha eleitoral que levou Richard Nixon, do partido republicano, ao poder. Foi revelado em uma série de matérias que Nixon utilizou dinheiro não declarado para espionar os adversários e obter trunfos para a sua campanha (GLOBO, 2008).

6 CONCLUSÕES

Observou-se, ao longo dos estudos oferecidos por este guia, que a Guerra do Vietnam foi um dos conflitos mais longos e violentos no período após a Segunda Guerra Mundial. Com duração de mais de 10 anos, e no auge da Guerra Fria, esse conflito armado tinha não apenas um embate de forças em campo, mas também um grande embate ideológico que dividia o mundo em dois lados, o socialismo e o capitalismo.

Diante das diversas guerras e conflitos que marcaram a história da humanidade ao longo dos séculos, como a própria Guerra do Vietnam, temos o Direito Internacional Humanitário como ferramenta para limitar os efeitos dos conflitos armados em âmbito internacional. E a importância do respeito às suas convenções, tratados e acordos, resumem-se em dois: o cuidado ao não abrir novos precedentes e a salvaguarda não somente de civis, mas dos próprios combatentes também.

É nessa perspectiva que as senhoras e os senhores irão agir no Gabinete de Crise Conjunta, e de acordo com as suas devidas representações, cabem a vocês representantes do Vietnam do Norte retornar ao dia 5 de agosto de 1964, revivendo a história, e com a possibilidade de dar outro rumo à guerra, e quem sabe até conseguir um final mais humanitário e benéfico para a população vietnamita.

O fardo das decisões agora recairá sobre vocês, sabendo que há um inimigo no *front* disposto a tomar todas as medidas necessárias para atingir seus objetivos, fica ao critério dos exímios delegados e delegadas o que farão: A sua moral e ética prevalecerão em meio ao caos do solo vietnamita ou ensandecido pela ameaça comunista; sacrifícios serão feitos em nome de um bem maior?

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, Max. **Hoje na História**. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/historia/33725/hoje-na-historia-1968-vietcongues-atacam-embaixada-dos-eua-em-saigon>. Acesso em: 19 dez. 2019.
- BOCZECK, Boleslaw. **International Law: A dictionary**. The Scarecrow Press, Lanham. 2005.
- BORGES, Leonardo Estrela. **O Direito Internacional Humanitário**. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.
- BRITANNICA. **Domino theory**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/domino-theory>. Acesso em: 25 out. 2019.
- BRITANNICA. **Geneva Accords**. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Geneva-Accords>. Acesso em: 25 out. 2019.
- BUILDER, Carl H.; BANKS, Steven C.; NORDIN, Richard. **Command Concepts: A Theory Derived from the Practice of Command and Control**. Washington D.C: RAND, 1999.
- CALAZANS, Érika. **O status dos combatentes ilegítimos diante da terceira convenção de genebra de 1949**, Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.
- CARLAND, John M..**Stemming the Tide: May 1965 to October 1966**. Washington D.C: Library Of Congress, 2000.
- COMITÊ INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. **As Convenções de Genebra de 12 de agosto de 1949**. Disponível em: <http://bit.ly/2r8oXAW>. Acesso em: 06 dez. 2019.
- _____. **Como o Direito Internacional Humanitário define “Conflitos Armados”?**. Disponível em: <https://bit.ly/35F4rXN>. Acesso em: 19 dez. 2019.
- _____. **O DIH e outros regimes legais – jus ad bellum e jus in bello**. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/doc/war-and-law/ihl-other-legal-regmies/jus-in-bello-jus-ad-bellum/overview-jus-ad-bellum-jus-in-bello.htm>. Acesso em: 25 out. 2019.
- _____. **O que é o direito internacional humanitário**. Disponível em: <https://www.icrc.org/pt/doc/resources/documents/misc/5tndf7.htm>. Acesso em: 25 out. 2019.
- EARLY DAYS. **The Development of the Viet Minh Military Machine**. Disponível em: <http://indochine54.free.fr/vm/early.html>. Acesso em: 25 out. 2019.
- ESPINOSA, Emilio Montero. **Vietnam 1968: El asalto a laembajada de los EEUU en Saigon y el Sitio de KheSanh**. In: RUBIO, Erika Prado; PEÑAS, Leandro Martínez;

RODRÍGUEZ, Manuela Fernández. **El año de los doce mayos**. Valladolid: Omnia, 2018. p. 25-42.

ESPINOSA, Emilio Montero. La Ofensiva delTet. In: RUBIO, Erika Prado; PEÑAS, Leandro Martínez; RODRÍGUEZ, Manuela Fernández. **El año de los doce mayos**. Valladolid: Omnia, 2018. p. 83-104.

ESTADOS UNIDOS. CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **Tet Offensive**. 1968. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP78T02095R000500140001-8.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

FILHO, Agra. **Guerra do Vietnã**: foi uma incursão norte-americana no Vietnã do Norte ou uma declaração de guerra dos norte-vietnamitas aos EUA. Disponível em: <http://bit.ly/2M8ESq3>. Acesso em: 27 out. 2019.

FURTADO, Diana. **A mão e a luva: a China anti-reacionária e a Doutrina Nixon**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21862010000200007>. Acesso em: 19 dez. 2019.

FRASER, Madeline. **An Assessment of Ho Chi Minh's Strategies for Gaining Support in the Vietnamese Revolution**. Young Historians Conference, Londres, p. 20-45, 2014.

FRIEDE, Reis. Guerra assimétrica reversa. **História (São Paulo)**, São Paulo, ano 10, v. 29, n. 2, p. 158-172, 1 dez. 2010.

GAY, Kathlyn. **Voices from the Past: Vietnam War**. Nova York: Twenty-First Century Books, 1996. Disponível em: <https://www.bartleby.com/essay/Marxism-Leninism-in-Vietnam-FKKVEAZTJ>. Acesso em: 6 dez. 2019.

GIAP, Vo Nguyen. **A Guerra Contra os EUA pela Salvação Nacional**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/giap/2005/04/eua.htm>. Acesso em: 25 out. 2019.

GLASS, Andrew. **Eisenhower invokes 'domino theory'**: Aug. 4, 1953. Politico, Nova York, p. 1-2, 8 abr. 2017. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2017/08/04/eisenhower-invokes-domino-theory-aug-4-1953-241222>. Acesso em: 6 dez. 2019.

HUFFPOST. Mundo. **Guerra do Vietnã**: Quem estava certo sobre o que deu errado (e por que isso importa no Afeganistão). Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/09/23/guerra-do-vietna-quem-estava-certo-sobre-o-que-deu-errado-e-por-que-isso-importa-no-afeganistao_a_23218313/. Acesso em 19 dez. 2019.

INTERNATIONAL CRIMINAL COURT. **About the ICC**. Disponível em: <https://www.icc-cpi.int/about>. Acesso em: 25 out. 2019.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS. **What is International Humanitarian Law?** Disponível em: https://www.icrc.org/en/doc/assets/files/other/what_is_ihl.pdf. Acesso em: 25 out. 2019.

INTERNATIONAL CRIMINAL TRIBUNAL FOR THE FORMER YUGOSLAVIA. **About the ICTY**. Disponível em: <https://www.icty.org/en/about>. Acesso em: 25 out. 2019.

INTERNATIONAL JUSTICE RESOURCE CENTER. **International Humanitarian Law**. Disponível em: <https://ijrcenter.org/international-humanitarian-law/>. Acesso em: 25 out. 2019.

KUISONG, Yang. **Changes in Mao Zedong's Attitude toward the Indochina War, 1949- 1973**. 34. ed. atual. Washington, D.C: Woodrow Wilson International Center for Scholars, Fevereiro 2002. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/ACFB04.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2019.

NARDO, Giovanna Catelan. **Direito Internacional Humanitário: As normas que impõem limites à guerra**. Disponível em: <https://www.politize.com.br/direito-humanitario-limites-da-guerra/>. Acesso em: 25 out. 2019.

NGUYEN, Huy Chong. **The Only Path**. Da Nang: Da Nang Publications, 2001.

PIÑEIRO, Emilia da Silva. Direito internacional humanitário: história e princípios. **Âmbito Jurídico**, São Paulo, jul. 2016. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direitos-humanos/direito-internacional-humanitario-historia-e-principios/>. Acesso em: 06 dez. 2019.

RAY, Michael. **Vo Nguyen Giap**. 2. ed. Londres: Britannica, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Vo-Nguyen-Giap>. Acesso em: 6 dez. 2019.

ROBERTSON, William G.; YATES, Lawrence A. **Block by Block: The Challenges of Urban Operations**. Fort Leavenworth: USACGSCP, 2003.

SZCZEPANSKI, Kallie. **Who Were the Viet Cong and How Did They Affect the War?**. ThoughtCo., Washington, D.C, p. 1-2, 10 ago. 2019. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/the-viet-cong-the-vietnam-war-195432>. Acesso em: 6 dez. 2019.

SEDGWICK, Peter. **'Victory for He Vietcong': Is it the right slogan?**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/giap/2005/04/eua.htm>. Acesso em: 25 out. 2019.

SPECTOR, Ronald H. **Vietnam War**. 2. ed. Londres: Britannica, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Vietnam-War>. Acesso em: 6 dez. 2019.

UFPE (Pernambuco). Ataque Químico: uma ameaça silenciosa: Contexto histórico do uso e controle de armas químicas. **Jornal da Química Inorgânica**, Recife, ano V, n. 1, p. 1-24, 10 jan. 2019.

UNITED NATIONS INTERNATIONAL RESIDUAL MECHANISM FOR CRIMINAL TRIBUNALS. **The ICTR in Brief**. Disponível em: <https://unictr.irmct.org/en/tribunal>. Acesso em: 25 out. 2019.

UNITED NATIONS. **Charter of the United Nations**. Disponível em:
<https://www.un.org/en/sections/un-charter/chapter-i/index.html>. Acesso em: 25 out. 2019.

US WINGS. **Numbers**. Disponível em: <https://www.uswings.com/about-us-wings/vietnam-war-facts/>. Acesso em: 24 out. 19

WHKMLA. **South Vietnam**. Disponível em:
<https://www.zum.de/whkmla/region/seasia/xsvietnam.html>. Acesso em: 25 out. 2019.